



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
CAMPUS III – BANANEIRAS/PB

LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO HUMANA: UM OLHAR SOBRE A
INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO
SUJEITO

Karla Patrícia Andrade dos Santos

BANANEIRAS - PARAÍBA

2015

KARLA PATRÍCIA ANDRADE DOS SANTOS

LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO HUMANA: UM OLHAR SOBRE A
INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO
SUJEITO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus III, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e pré-requisito para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Rita Cristiana Barbosa

BANANEIRAS - PARAÍBA

2015

KARLA PATRÍCIA ANDRADE DOS SANTOS

LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO HUMANA: UM OLHAR SOBRE A
INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO
SUJEITO

Esta monografia foi aprovada, cumprindo as formalidades para obtenção do título de Pedagoga da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Bananeiras-PB, 9 de dezembro 2015

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a Rita Cristiana Barbosa
DE/CCHSA/UFPB
(Orientadora)

Professora Mestra Jalmira Linhares Damasceno Ferreira
DE/CCHSA/UFPB
(Examinadora)

Professora Dr^a Nilvânia dos Santos Silva
DE/CCHSA/UFPB
(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus pelo seu infinito amor, dando-me sabedoria para conclusão desse curso.

Aos meus pais, José de Andrade e Maria Helena, que não mediram esforços na construção de valores essenciais em minha vida, ensinando-me a ser alguém melhor para o próximo, aos meus irmãos, em especial a José Luís, que tanto nos ajudou, dedicando seu tempo em cuidar do nosso filho e a todos os meus familiares que sempre esteve comigo, dando-me suporte nos momentos difíceis.

À José Luiz, meu amado esposo, confidente, companheiro, meu amigo de todas as horas, que me faz acreditar em meus sonhos, me dando força e compreendendo-me nas adversidades do dia a dia.

Ao nosso filho Josué Yarlei, promessa de Deus em nossas vidas, nos apoiando em variados momentos e nos surpreendendo com seu genuíno amor.

Toda minha gratidão à querida e amiga professora orientadora Rita Cristiana, que conduziu nosso projeto grandiosamente, incentivando e colaborando para o sucesso do mesmo, alimentando e valorizando a minha esperança em acreditar na proposta de meu trabalho, as professoras Jalmira Linhares e Nilvania dos Santos, pela rica contribuição neste trabalho.

Aos meus grandes amigos Edilson e Ruth, Thiericlison e Cláudia pelo carinho e ajuda em nosso dia a dia, a minha estimada turma 2011.1, que faz parte desta conquista e aos meus grandes professores do curso de Pedagogia.

Aos alunos, pais, docentes e funcionários que fazem parte da Escola “Jaldete Guedes Pereira”, em Borborema-PB, que tanto colaborou para a concretização deste projeto.

E a todos aqueles que não citei, mas que contribuíram direta ou indiretamente na realização desse tão esperado sonho.

“Um livro é um brinquedo feito com letras. Ler é
brincar.”

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar a influência da literatura infantil na construção da identidade do sujeito através da contação de histórias. Mais especificamente buscou-se identificar princípios e valores que norteiam comportamentos e atitudes e que podem ser apreendidos das histórias. O marco teórico esteve centrado nos processos educativos e na compreensão da importância da literatura infantil, baseada em Lev Vygotsky, Regina Zilberman, Jean Piaget dentre outros. A investigação é de abordagem qualitativa com metodologia iluminada por princípios da pesquisa socioeducativa e pesquisa-ação. Os instrumentos de coleta de dados foram: observação participante, grupo focal e questionário. Os sujeitos participantes são seis estudantes do 5º ano do ensino fundamental e duas mães, uma de uma aluna e outra de um aluno. As ações desenvolvidas na pesquisa estimularam a participação, considerando saberes e experiências prévias. Os resultados apontaram uma evolução significativa na formação desses educandos, reafirmando a importância e os benefícios que a literatura infantil proporciona na construção de valores e de novos conhecimentos na formação do sujeito. Conclui-se que o trabalho educativo com literatura infantil pode significar um norte importante para o desenvolvimento de atitudes e construção de valores como honestidade, respeito e autoconfiança.

Palavras-chave: Literatura infantil. Formação do sujeito. Contação de história. Valores e comportamentos.

ABSTRACT

This work had for objective to analyze the influence of the infantile literature in the construction of the subject's identity through the *contação* of histories. More specifically it was looked for to identify beginnings and values that orientate behaviors and attitudes and that can be apprehended of the histories. The theoretical mark was centered in the educational processes and in the understanding of the importance of the infantile literature, based on Lev Vygotsky, Regina Zilberman, Jean Piaget among others. The investigation is of qualitative approach with illuminated methodology for beginnings of the research socioeducativa and research-action. The instruments of collection of data were: participant observation, focal group and questionnaire. The participant subjects are six students of the 5th year of the fundamental teaching and two mothers, one of a student and another of a student. The actions developed in the research stimulated the participation, considering know and previous experiences. The results pointed a significant evolution in those students' formation, reaffirming the importance and the benefits that the infantile literature provides in the construction of values and of new knowledge in the subject's formation. It is ended that the educational work with infantile literature can mean an important north for the development of attitudes and construction of values as honesty, respect and self-confidence.

Keywords: Infantile literature. Formation of the subject. Storytelling. Values and behaviors.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
PARTE 1: MARCO TEÓRICO	
CAPÍTULO 1: OS PROCESSOS EDUCATIVOS E A LITERATURA INFANTIL	13
1.1 O conto e o estímulo do imaginário.....	17
1.2 Competências socioemocionais.....	21
PARTE 2: CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO E O CAMINHO METODOLÓGICO	
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
2.1 Tipo de Pesquisa	28
2.2 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados	29
2.3 Caracterização da escola campo de pesquisa.....	31
2.3.1 Práticas educativas da escola.....	33
2.4 Sujeitos da pesquisa.....	34
2.4.1 Características dos sujeitos e turma.....	35
2.5 Método de análise dos dados.....	35
2.6 Caminho metodológico	36
PARTE 3: RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO	
CAPÍTULO 3: QUE FORMAÇÃO É DESENVOLVIDA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL: NARRATIVAS DAS CRIANÇAS E DAS MÃES.....	41
3.1 Que prazer pode transmitir uma história?	42
3.2 Medo de que? Do sentimento ao enfrentamento.....	45
3.3 Comportamentos: quando são adequados e inadequados?.....	47
3.4 Lições que as histórias ensinam.....	53
3.5 Interpretando as respostas das mães... ..	58
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	65
APÊNDICES	68

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como objetivo geral analisar as contribuições da literatura infantil na formação da criança. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de enfoque socioeducativo, do tipo pesquisa-ação. Originou-se a partir de observações e da necessidade de implementar ações para o desenvolvimento de competências socioemocionais, centrada no trabalho com contação de histórias, em uma turma de 5º ano do ensino fundamental, da qual leciono e pesquiso. O intuito foi de amenizar as lacunas de uma realidade obscura no âmbito formal e moral.

Durante a execução do trabalho foram conduzidos alguns momentos de contação de história em que se observou o envolvimento das crianças, suas reações e manifestações de sentimentos dentro e fora da instituição escolar como também o envolvimento de seu elo familiar. Portanto ao vivenciar tais inquietações acerca da temática “formação do sujeito”, nos provocou focar o nosso olhar investigativo sobre o tipo de sujeito que devemos formar (ou que contribuímos na formação) nas escolas no município de Borborema/PB.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 4),

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

Com essa mesma convicção e diante do exposto, passamos a fazer o seguinte questionamento: quais as contribuições da contação de histórias na formação da criança? Para responder essa questão elencamos alguns objetivos específicos de investigação:

- Identificar que compreensões são construídas pelas crianças a partir do trabalho pedagógico com a literatura infantil;

- Compreender as relações estabelecidas pelas crianças entre os contos e a realidade;
- Verificar indícios de influências dos contos no comportamento e atividades dentro e fora do cotidiano escolar.

Consideramos este estudo de extrema importância, porque se torna cada vez mais necessária a implementação de ações nas escolas que estejam voltadas para as competências socioeducativas não só para a instituição campo empírico dessa pesquisa, mas para todo educador, refletindo fragilidades, possibilidades e conquistas, (re)construindo valores e princípios, mudando comportamentos.

Nesse intuito, este trabalho poderá não somente contribuir para que os alunos assumam sua própria responsabilidade na qual possam tomar decisões, contribuindo para um convívio mais harmônico entre as pessoas mais próximas e para, conseqüentemente, um mundo mais justo e igualitário. Igualmente pode mostrar para docentes um norte para ações pedagógicas com tais objetivos.

Esta monografia está organizada em três partes, além da introdução e das considerações finais a citar.

Na primeira parte intitulada Marco teórico é apresentada uma revisão de literatura constando sobre os processos educativos e a literatura infantil, em que é feito um breve histórico da criança na sociedade e o surgimento de literaturas direcionado as mesmas. Como também o conto e o estímulo do imaginário e as competências socioemocionais. A leitura é tratada enquanto ação transformadora do sujeito, afirmando a importância da leitura para o processo de construção da realidade e do conhecimento, permitindo não só a participação do sujeito dentro do conto, como ativando sua imaginação, transformando, assim, o real e fazendo com que a criança amadureça e compreenda o mundo em sua volta. Fundamentaram essa parte autores como Vygotsky (1998), Aires (1992), Zilberman (1985), Bettelheim (2007) e outros.

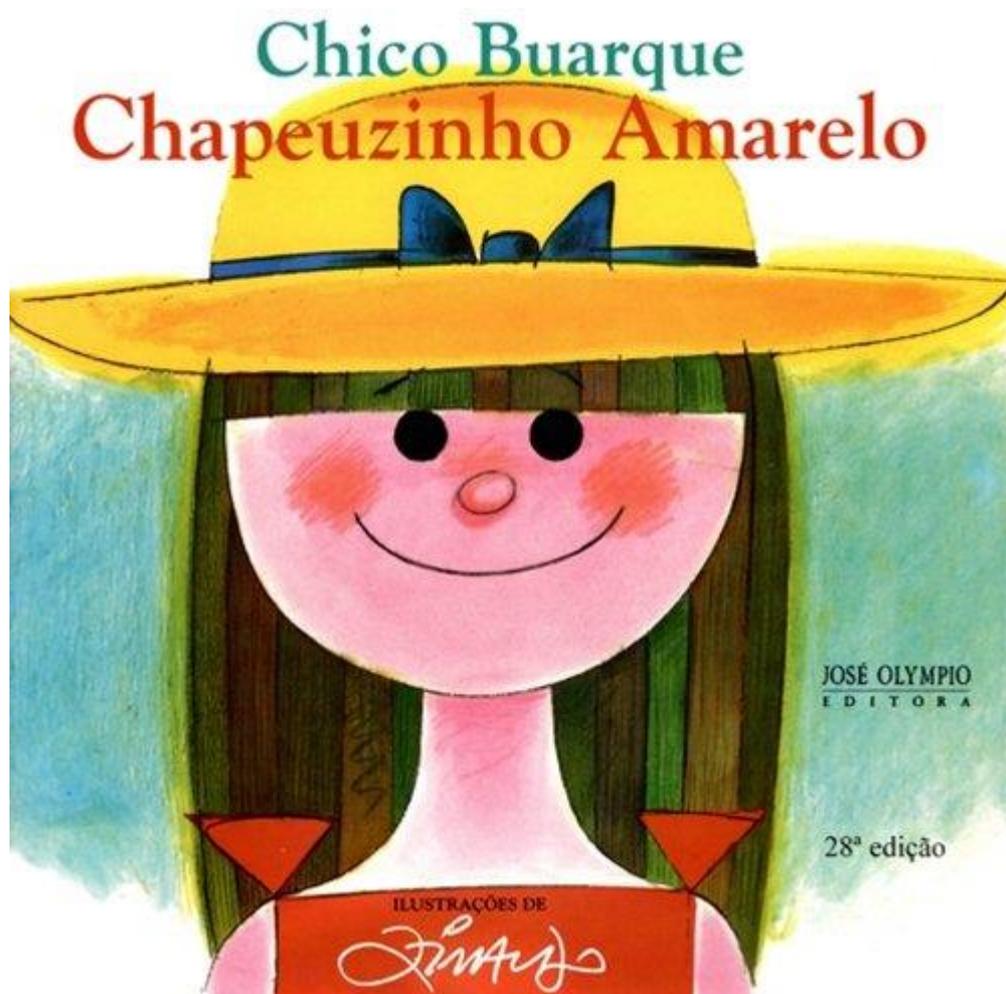
Na segunda parte é apresentado a percurso metodológico da pesquisa, apontando os caminhos percorridos para a realização da mesma, descrevendo o tipo de pesquisa, a caracterização da escola campo da pesquisa, os sujeitos e instrumentos utilizados na coleta de dados e o método de análise dos dados.

O suporte teórico está com Minayo (2001), Lüdke e André (1986), Pimenta e Franco (2014), Tanaka e Melo (2001) e Moraes e Galliazi (2003).

Na terceira parte é apresentado o metatexto, os resultados da investigação. Os resultados são discutidos a partir de categorias de análise, onde iremos tratar o perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa e, a partir de suas falas, compreender e interpretar a contribuição das literaturas infantis na formação da criança, identificando as contribuições vivenciadas por eles no cotidiano.

PARTE 1

MARCO TEÓRICO



Capa do livro: Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque de Holanda, 1979

CAPÍTULO 1

1 OS PROCESSOS EDUCATIVOS E A LITERATURA INFANTIL

Para compreendermos a importância da literatura infantil, devemos conhecer como surgiu e com que objetivo. Desde sua origem a literatura é um meio riquíssimo à humanidade que influencia na formação de consciência, expressado tanto para quem escreve como para quem a lê. Colaborando para imaginação e a subjetividade expressando liberdade de espírito, enriquecendo ainda mais a consciência de mundo que o indivíduo já possui, visando alertar, associar, harmonizar, satisfazer a fim de organizar seus conflitos internos.

A literatura apresentou-se de várias maneiras de acordo com a evolução da sociedade e conhecê-la em cada momento histórico é essencial para entendermos seus valores e ideais que estiveram ligados tanto com a ideia de criança quanto de infância. Essas ideias definiam a literatura tanto pela sociedade quanto pela escola, fazendo-nos hoje compreender a literatura como um conhecimento científico.

Historicamente a criança era tida e vista como um adulto em miniatura, vivia como o tal, presenciando e participando de tudo na mesma proporção, não sendo levado em consideração a infância, o ato de brincar, o desenvolvimento desta fase, sendo tratada com hostilidade, sem vínculos afetivos, inclusive usufruindo das literaturas para adultos. Somente no século XVIII a criança passa a ser vista como sujeito e a infância como uma categoria, iniciando-se assim uma mudança de comportamento da sociedade.

Segundo Aries (1992), no final da idade média três fatores foram primordiais para a mudança de comportamento da sociedade: o histórico, o político e o cultural. O primeiro era regido pela comunidade agora passando a receber interferência do Estado e da justiça; o segundo foi o aumento da alfabetização e a difusão da leitura e o terceiro seriam as novas formas de religião que se estabeleceram nos séculos XVI e XVII. Estes fatores foram

essenciais para o surgimento da primeira concepção de criança e seu desenvolvimento sociocultural.

Para Regina Zilberman (1985, p.13),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

A autora retrata a questão de uma nova noção de família baseada não apenas em questão de parentesco, mas da afetividade, do carinho envolvendo laços maternos e paternos que são essenciais a todo ser para um sadio convívio familiar e desenvolvimento da criança em vários aspectos. Com esse conceito de família, a criança passa a ser vista com mais atenção e nasce uma nova perspectiva em que a escola e a literatura deveriam formar o futuro cidadão aprendendo costumes, hábitos como também padrões para viver em sociedade conforme descreve Aguiar (2001, p. 23):

A ascensão da burguesia, na sociedade europeia durante o século XIII, o crescimento da sua capacidade econômica e a conseqüente conquista de mais poder político resultaram numa nova ordem social e cultural (...). Logo, passou-se a investir na educação como uma forma de prepará-lo [o sujeito] para a vida adulta. A infância tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro das atenções (...). Nesse contexto, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia.

Segundo Zilberman (2003) inicialmente a escola e a literatura ajudaram na questão da família, mas em contra partida influenciaram no controle do seu desenvolvimento, manipulando suas ações, padronizando-as nos ideais burgueses e acima de tudo negando a compreensão do mundo infantil. Assim ela afirma:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual

da criança e manipulação de suas emoções. Literatura e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Com o novo modelo burguês a infância passou a ser valorizada e com isso a criança começa a ser vista como alguém que precisa ser protegida das mazelas sociais separadas da perversidade dos homens. Segundo Cunha (2004) a vinda da literatura para a escola não foi por acaso baseava-se numa linha moralista com centralidade no poder.

Percebe-se então que a escola como também o professor eram induzidos pela ditadura da burguesia controlando a ordem, forçando a criança a reproduzir aquilo que era visto e repassado, consistia em ensinar valores, hábitos e ajudar a enfrentar a realidade social, negando-lhe a fantasia e suas expressões características nessa fase da vida, sendo sonogados atributos próprios da infância por não enquadrar-se com os padrões da sociedade e principalmente do mundo das pessoas “adultas”.

De antemão a literatura buscou doutrinar a criança como produto pronto para o futuro capitalista. É importante ressaltar que as histórias surgidas neste período inicialmente abordavam problemas internos e externos da sociedade na época. Sobre isso, Zilberman (2003, p.15), completa:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão.

Eram livros destinados às crianças de cunho meramente pedagógico, utilitário, diferentemente da concepção da literatura hoje. Como diz Cunha (1998 *apud* MELLO, 2010, 15) “literatura infantil são livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança”. Contudo, naquela época,

simplesmente eram livros para questionar ou reproduzir futuros cidadãos, impondo-lhes ideais burgueses sem a presença do “maravilhoso” nos contos, apenas como um agente poderoso na busca de solucionar seus próprios impasses.

Segundo Aguiar (2001, p. 23),

A ascensão da burguesia, na sociedade europeia durante o século XIII, o crescimento da sua capacidade econômica e a consequente conquista de mais poder político resultaram numa nova ordem social e cultural (...). Logo, passou-se a investir na educação como uma forma de prepará-lo [o sujeito] para a vida adulta. A infância tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro das atenções (...). Nesse contexto, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia.

Somente no século XVIII surgiram os primeiros livros destinados às crianças; um tipo de literatura desenvolvido para elas, denominado literatura infantil onde as mesmas passam a ser vistas não mais como adulto, mas um ser diferente, que precisava de cuidados específicos, necessitando de um novo olhar com características peculiares a sua faixa etária, recebendo informações e sendo preparada para a vida. Vale ressaltar que as crianças da nobreza liam grandes clássicos e as de classes populares liam contos ou lendas folclóricas passadas através da oralidade ao longo do tempo [como liam se era passada pela oralidade?].

As primeiras manifestações de literaturas no Brasil só chegam no século XIX. Neste mesmo período os primeiros livros infantis (Clássicos infantis) na Europa já circulavam aqui no Brasil já com algumas adaptações com o passar do tempo, escritos por Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Lewis Carrol entre outros. A produção brasileira dessas literaturas cresceu de tal forma que alguns autores como Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros brasileiros a se preocuparem com as literaturas infantis no país (CUNHA, 2004, p. 23).

Em 1921 Monteiro Lobato com o livro “A menina do narizinho arrebitado”, rompe com o tom doutrinário expresso nos livros, colocando como centro de sua narrativa a figura da “criança” sendo a protagonista de sua própria história fazendo uso do universo lúdico da mesma, rompendo com os

estereótipos burgueses. De acordo com Antunes (2006) surgiram desde então, outros escritores brasileiros produzindo exclusivamente textos infantis como: Érico Veríssimo com “Os três porquinhos”, Graciliano Ramos com “Alexandre e os grandes heróis”, José Lins de Rego com “Histórias da velha Totonha”, Josué Montello; Orígenes Lessa com “Memórias de um cabo de vassoura”; Humberto de Campos com “Histórias para não dormir”; Clarice Lispector com “A bela e a fera”; Cecília de Meireles com “Ou isto ou Aquilo”; entre outros escritores nas últimas décadas, produzindo os mais diversos gêneros literários como versos, trava-línguas, contos, teatro, histórias de fadas, livros sem textos, versos de cordel, novelas, fábulas, contos populares, lendas, mistérios, cartas, crônicas e etc.

É sabido que o universo da literatura infantil é muito vasto e riquíssimo em fantasia, imaginário, sensações entre tantos outros componentes de extrema importância para o desenvolvimento da criança visando nortear pensamentos, emoções, sentimentos guardados, experimentar sensações, dar equilíbrio, tomar decisões entre tantos outros desafios proporcionados por esta tão rica expressão de linguagem.

1.1 O Conto e o estímulo do Imaginário

Como vimos a sociedade não tinha uma consciência nem tão pouco uma concepção definida de infância, ou seja, um período relacionado ao desenvolvimento da criança e por isso as literaturas não eram destinadas em sua totalidade ao público infantil.

Historicamente os contos de diferentes culturas eram passados de geração a geração oralmente, isto é, histórias passadas de pai para filho tendo como foco narrativas para explicar alguns acontecimentos que as pessoas não conseguiam responder, criadas pelos homens, perpetuando-se, assim, no imaginário das pessoas. E foi apenas no século XIX que a literatura passou a ser destinada ao público mirim quando a criança é vista, agregando a arte, o interesse e a atenção, propiciando o prazer da criança no ato da leitura.

De início as histórias tinham enredos assustadores e foram adaptados por alguns escritores com enredos suaves, desfechos tendo uma moral da história para serem aceitos pela sociedade como foi o caso de Perrault e foram os irmãos Grimm que perceberam que as narrativas eram carregadas de fantasias e começaram a dar mais significado aos contos. Segundo Teixeira (2009), em 1812 a 1822, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm foram escritores famosos dos contos de fadas que só foram vistos como infantis a partir de adaptações feitas por eles para o universo infantil dedicando sua vida a registrar belas histórias para o imaginário das crianças.

De acordo com Coelho (1987) os contos de fadas são aquelas narrativas que tem a presença de reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, bruxos, mágicos, gigantes, anões, objetos entre outros e há sempre um problema para resolver e estão relacionados à realização interior do indivíduo vencendo obstáculos gerados pela maldade de outro personagem. São seres criados da fantasia ou imaginário e muitas vezes apresentados em forma de mulher, homem, guerreiro, príncipe, personagem com poderes, intervindo na vida das pessoas e auxiliando a solucionar problemas que no mundo real não há uma solução de imediato.

Assim os contos de fadas tem sido narrativas essenciais na vida de uma criança fazendo elo entre o lido com o seu meio a fim de solucionar seus conflitos internos. Além disso, a presença de elementos símbolos é notória nos contos como livros mágicos, varinha, cartola, chapéu, elementos poderosos, capazes de realizar qualquer desejo feito pela criança, familiarizando e encantando em uma linguagem própria. Bettelheim (2007, p. 90) afirma:

A criança que está familiarizada com os contos de fadas percebe que estes lhe falam na linguagem dos símbolos e não da realidade cotidiana. Os contos de fadas nos transmitem desde o início, ao longo da trama e no final que aquilo que nos é narrado não são fatos tangíveis ou pessoas e lugares reais. Quanto à própria criança os acontecimentos reais se tornam importantes pelo significado simbólico que elas lhes atribui ou que neles encontra.

Já os contos maravilhosos segundo Coelho (2008), são narrativas que se desenvolvem no cotidiano mágico tendo como foco principal problemas

sociais não tendo tantos heróis imaginários, mas personagens muitas vezes do nosso mundo real sendo os heróis nas narrativas. Seu enredo geralmente está relacionado à realização socioeconômica do principal personagem nas narrativas. Tanto os contos de fadas quanto os contos maravilhosos são narrativas que partem de problemas da realidade buscando no decorrer da história, solucionar o problema por meio da fantasia.

Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1989) diz que é encontrada nos contos uma realização de desejos que estão muitas vezes contidos, realizando e superando algum trauma de infância. Tanto os contos de fadas como os contos maravilhosos extraem de tudo, símbolos de verdades externas. Conforme afirma Bárbara Vasconcelos: “O conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, sua formação integral.” (CARVALHO, 1989, p.18).

A linguagem simbólica expressa experiências, sentimentos e pensamentos, cuja lógica é diferenciada da convencional, não está ligado ao tempo ou espaço, mas à intensidade e associações nas narrativas; apresentam inícios indefinidos simbolizando o mundo fictício, dando vida, ingressando em lugares diversos, possibilitando que o indivíduo tenha sensações como se estivessem participando das aventuras (FROMM, 1976).

As crianças criam elementos e situações enquanto brincam, elas transformam o que é real em algo fantasioso, permitindo não só sua participação dentro do conto, mas ativando sua imaginação, transformando assim o real.

De acordo com Vygotsky (1998), faz-se necessário que entendamos o elo entre realidade e fantasia definindo quatro formas básicas que ligam o imaginário à realidade baseando-se nas etapas de desenvolvimento da criança.

A primeira seria a partir de imagens de experiências vivenciadas pelas mesmas, aguçando ainda mais a fantasia, pois quanto mais experiências a mesma tiver maior será a sua fantasia; a segunda tem a ver com produtos preparados da fantasia, como se a criança imaginasse lugares onde nunca esteve onde sua imaginação não se limita a experiências que já passaram, mas utilizando as próprias imaginações reformulando o mundo real; a terceira está ligada na emoção e é dividida de duas maneiras: na primeira os sentimentos influenciam seu mundo imaginário já na segunda o imaginário

influencia seus sentimentos. A quarta e última relação entre o imaginário e o real está ligada a criação de imagens novas, mas que não existem em sua experiência tampouco no mundo real defendido por Bachelard (2006) como devaneio, onde a criança desenvolve ideias novas, livres usando sua criatividade.

As pessoas que leem muitas das vezes, através dos personagens das literaturas que encantam e envolvem, acabam entrando radicalmente nesse maravilhoso mundo mágico, absorvendo e se identificando com tais características como dores, emoções, valores ali contados e lidos, revelando o caráter e estado emocional da personagem se está feliz ou triste, se sofre ou não, se é linda ou feia tais atitudes etc. Com isso as pessoas costumam fazer elo com seu interior, reajustando aquilo que outrora era um conflito ou aguçando ainda mais a sua personalidade, transformando o universo do “Era uma vez”, do fantasioso ao mundo real concedendo inúmeras possibilidades e despertando a recriação da história.

Os contos escritos para crianças se utilizam de uma linguagem de fácil compreensão do universo infantil, conseguindo transmitir padrões de conduta, fazendo com que a criança amadureça e compreenda o mundo em sua volta. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 43) assim define: “é o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta”.

Vygotsky (1987 *apud* CASTRO, 2006, p. 2) também reconhece tal importância quando diz que a criança:

Quanto mais vê, ouve e experimenta, quanto mais aprende e assimila, quanto mais elementos reais dispõem em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será a atividade de sua imaginação.

É perceptível que a literatura infantil pode e deve sim, atrair o pequeno leitor e a pequena leitora proporcionando reflexões entre o mundo real e imaginário, fazendo com que ajam com liberdade, descobrindo e redescobrimdo o seu “eu”, sua própria identidade, graças à sua criatividade de imaginar. É o

que afirma Beltelheim (1980) quando diz que a criança para descobrir sua identidade, precisa compreender seu mundo exterior e os contos de fadas ajudam, através do imaginário, a enfrentar estes questionamentos agindo em sua mente, amadurecendo e resolvendo conflitos em cada fase de sua vida.

Sendo a literatura uma forma de linguagem é perceptível a liberação da imaginação das crianças sobre algo, podendo ou não, formar imagens de sua realidade, mas criar algo livremente, imagens fantasiosas como diz Vygotsky (1998, p. 122):

A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesma algum objeto que não tenha visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites.

Percebe-se então que os contos é de extrema importância, sendo ela um fator determinante no desenvolvimento da memória, do pensamento lógico, da emoção, da imaginação entre tantos outros fatores simplesmente pelo fato de que “é por meio da linguagem que a criança constrói a representação da realidade na qual está inserida” (JOBIM e SOUZA, 2001, p. 24)

1.2 Competências socioemocionais

Como vimos, o ato da imaginação da criança pode e deve levá-la a compreender a realidade como também surgir desejos de mudança de atitudes, que podem estar ligados com o seu eu, com o seu modo de agir, pensar, sua cultura, podendo transformar o que outrora se pensava, saindo da dimensão fictícia para o real, buscando saberes e conhecimentos trazidos ao longo do tempo. Vygotsky (1992, p.128) sugere que a imaginação e o real caminham juntas, “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”.

A literatura viabiliza à pessoa que ler ou ouve o mundo em que ela vivencia ou vivenciou, permitindo-lhe o ato de sonhar, de trocar experiências,

de se entregar, possibilitando um olhar próprio de liberdade, fazendo uma auto interpretação e interpretando o que ouve e vê. É por meio das situações de leitura que o texto literário pode proporcionar a criança vivenciar situações, sentir emoções semelhantes com a dos personagens, podendo se conhecer por meio de experiências nas narrativas, explorando o seu “eu”, mergulhando num mundo que só o indivíduo entenderá, suscitando seu imaginário para em um futuro bem próximo ser um sujeito que tenha sensibilidade e compreenda sua própria realidade. Para Vygotsky (1996, p. 108):

O homem haverá de conquistar seu futuro com ajuda de sua imaginação criadora; orientar no amanhã uma conduta baseada no futuro e partir desse futuro é função básica da imaginação e, portanto, o princípio educativo do trabalho pedagógico consistirá em dirigir a conduta do escolar na linha de prepará-lo para o porvir, já que o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de alcance desse fim.

É sabido que a literatura infantil é extremamente valiosa, não podendo apenas ser utilizado para estimular a cognição, mas para instigar valores sociais e culturais no indivíduo, pois o mesmo tem características humanas e trata, muitas vezes, de assuntos que fazem parte de suas vidas, com temores, curiosidades, anseios, afetos, que vão despertando ao longo da história sentimentos no leitor/ouvinte, desenvolvendo seu pensamento e formando valores ideológicos.

É importante ressaltar que este fenômeno literário pode e deve ser utilizado no contexto escolar, construindo valores essenciais para a vida do ser humano, formando ideologias que perpassam o caráter cognitivo que outrora era tão reprimido, permitindo um ser autônomo, crítico, criativo, consciente de suas atitudes e de seus valores, tornando-se um cidadão participativo.

Durante muito tempo a resolução de problemas, a inteligência, o raciocínio lógico, relacionadas a avaliação do indivíduo no âmbito escolar, visavam medir apenas a capacidade intelectual do alunado, por estarem ligadas ao conhecimento como competências cognitivas, comparando o desempenho deles nas áreas de leitura, matemática, ciências, entre outras.

Sabemos que nos dias atuais não basta apenas dominar certos conteúdos, se a criança não souber fazer relações, ser motivador, ser uma

pessoa que trabalha em grupo, ter autocontrole, ser determinada, fazer uso de sua criticidade, criatividade entre tantas outras características importantes para o ser humano em sociedade, chamadas de competências não-cognitivas ou socioemocionais. Essas competências são indispensáveis na vida do educando, pois não basta apenas saber, mas saber fazer, articular, organizar, estabelecer, como diz Merleau-Ponty (1999, *apud* PEIXOTO, 2012, p. 11), "o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta".

Faz-se necessário instigar competências através de variados tipos de linguagem e as literaturas infantis são essenciais e muito bem aceitas no mundo de hoje. Com a globalização, o contexto de mundo volta-se a uma função social urgente, precisando cada vez mais de pessoas qualificadas na tomada de decisões, procedimentos a aprender, muitos problemas a resolver, onde cada vez mais as pessoas, além do conhecimento teórico, tem que ter a capacidade de saber fazer, de planejar, onde a comunicação, colaboração, generosidade, diálogo, cumplicidade, caráter, respeito são aspectos simples que podem e devem ser trabalhados e assimilados não só no âmbito educacional, mas em qualquer âmbito que queira melhorar o universo ao seu redor.

Na realidade, a educação constitui um todo indissociável, e não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual de tal ordem que tenha de se limitar a aprender por imposição sem descobrir por si mesmo a verdade: se é passivo intelectual, não conseguiria ser livre moralmente. Reciprocamente, porém, se sua moral consiste exclusivamente em uma submissão à autoridade adulta, e se os únicos relacionamentos sociais que constituem a vida da classe são os que ligam cada aluno individualmente a um mestre que detém os poderes, ele também não conseguiria ser ativo intelectualmente (PIAGET, 1988, p. 61).

Não se pode pensar hoje em um futuro humanizado sem que os alunos transformem o conhecimento adquirido no meio em que está inserido, na busca de um mundo mais justo, mais igualitário para todos, entretanto o conjunto de competências é de extrema importância e relevância para os jovens de hoje,

devido as mudanças e desafios da sociedade atual exigindo cada vez mais competências como o trabalho em equipe, o ser motivador, a perseverança, a resiliência, a criatividade, criticidade entre tantas outras que tem um papel riquíssimo para o ser humano, não bastando apenas serem transmitidos/depositados, essas habilidades que outrora era o ideal de sua funcionalidade.

Portanto, ao trabalhar aspectos de nossa realidade social, a literatura proporciona a criança entender o seu papel na sociedade de uma forma que ela mesma compreenda o quão poderoso são suas atitudes quando usadas equivocadamente ou acertadamente em variadas situações, tanto no mundo imaginário como no seu dia a dia, formando crianças e adolescentes mais conscientes de seu papel dentro e fora de seu contexto social. Por isso Batista (2005, p. 63) afirma que “a leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato da leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela”

A abertura da internet e dos instrumentos de busca nas redes sociais virtuais como também a globalização, vem ganhando cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas e com isso outras exigências vão surgindo e inquietando a questão da formação humana e o novo visual de mercado de trabalho, exigindo do ser humano ainda mais capacidades.

Além disso, tais competências vão muito além de questões meramente educacionais, perpassando os muros da instituição escolar à relação entre sociedade/politizada. (o egoísmo, a agressividade, o desrespeito, a falta de carinho) e hábitos viciosos (excesso de álcool, tabaco ou alimentos), adversos de experiências, muitas vezes obtidas na infância, que devem está sendo sempre combatidos e privilegiados em nossas propostas curriculares, onde a literatura visa um currículo mais eficaz que transcorre o conhecimento cognitivo, envolvendo a arte do “saber viver” em um mundo com tantas desigualdades, peculiaridades e transformações, proporcionando um caminho mais positivo na vida dos educandos, com oportunidades igualitárias.

Em conformidade, Baldi (2009, p. 09) apresenta a literatura infantil como uma arte inerente ao ser humano, que traz consigo habilidades transformadoras para a vida do sujeito. Para ele, “essa e como qualquer outra

forma de arte, é capaz de nos tornar pessoas melhores, não só intelectual, mas emocionalmente, porque desperta o que de melhor existe em nós”.

Para refletirmos sobre a relevância dessas competências não só no âmbito da educação, mas também da sociedade e da economia, nos baseamos no “Fórum Internacional de Políticas Públicas – Educar para as Competências do Século XXI”, que fora promovida por variadas Instituições, como Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), Instituto Ayrton Senna (IAS), Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Em uma de suas falas, o Ministro da Educação, José Henrique Paim, disse: “Acreditamos que as competências socioemocionais precisam ser incluídas em políticas públicas educativas ambiciosas e vamos sistematizar e financiar iniciativas que incentivem e desenvolvam as competências socioemocionais nos estudantes”, afirmou Paim, no Fórum Internacional de Políticas Públicas.

A partir dessa afirmativa, percebemos a importância de implementar no currículo, o mais rápido possível, tais competências em nossas salas de aulas, porém surge uma indagação que não poderíamos deixar de fazer: Quais competências devem ser implementadas no currículo e desenvolvidas nos estudantes para o século XXI?

Segundo Senna (2014), complementando a frase de Paim, ela diz: “todos temos um currículo oculto com esse tipo de competências, um conjunto de habilidades que às vezes nem sabemos que temos e o desafio é tornar esse conjunto visível e desenvolvido intencionalmente” (Fórum Internacional, 2014: 1-2).

Para Senna (2014), os pesquisadores descobriram que para as pessoas serem felizes e terem uma carreira bem-sucedida, as competências socioemocionais são tão importantes quanto as cognitivas e importa tanto quanto o saber fazer coisas. No entanto, não há uma lista fechada de quais são essas competências. Igualmente não existem as mais ou menos importantes. Alguns itens, porém, se mostram como eixos e segundo a Global Education Leaders’ do Brasil (2014, p. 1) são:

Abertura a novas experiências (tendência a ser aberto a novas experiências estéticas, culturais e intelectuais); Consciência

(inclinação a ser organizado, esforçado e responsável); Extroversão (orientação de interesses e energia em direção ao mundo externo, pessoas e coisas); Amabilidade (tendência a agir de modo cooperativo e não egoísta); Estabilidade Emocional (previsibilidade e consistência de reações emocionais, sem mudanças bruscas de humor).

Diante disso, um estudo sobre programas de promoção das competências em Portugal aponta cinco objetivos principais:

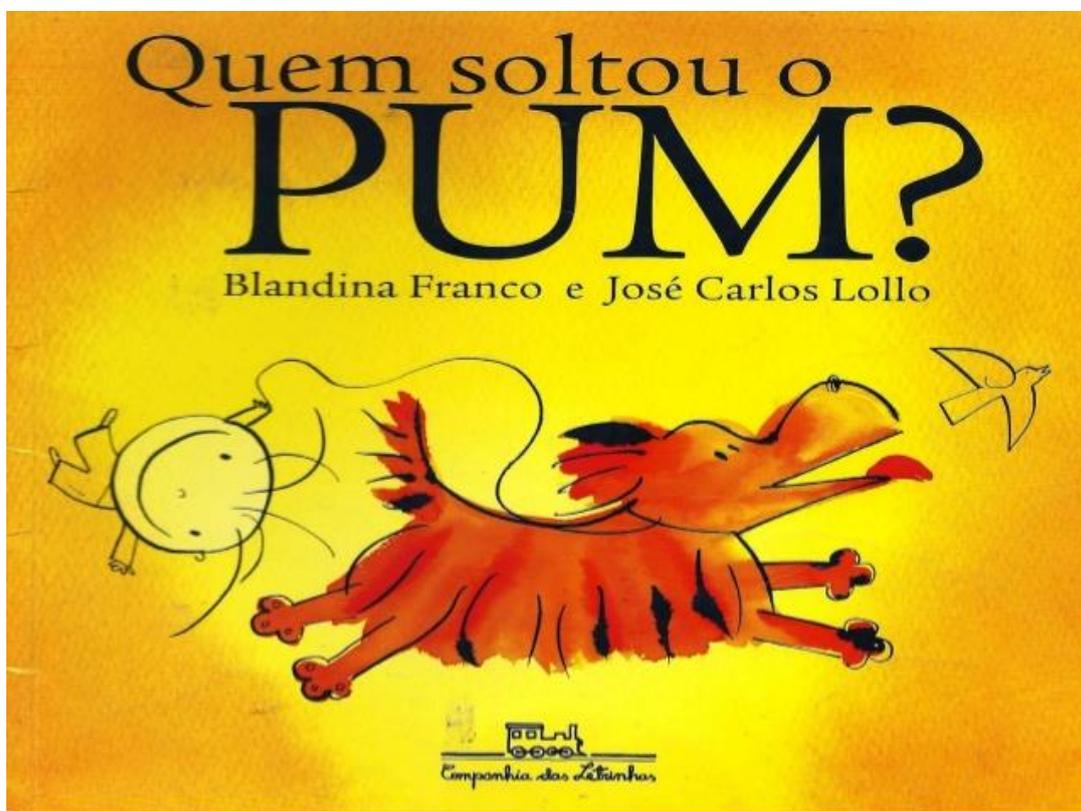
1. Auto-consciência emocional: adquirir um melhor conhecimento das próprias emoções, reconhecer as diferenças entre sentimentos e ações e compreender as causas dos sentimentos;
2. Gestão das emoções: desenvolver habilidades para controlar as próprias emoções, prevenir os efeitos prejudiciais das emoções negativas (por exemplo, melhorar a capacidade para expressar verbalmente a ira sem lutar), desenvolver habilidades de resistência à frustração, desenvolver habilidades para gerar emoções positivas;
3. Controlar produtivamente as emoções: desenvolver habilidades de automotivação, maior capacidade de concentração nas tarefas e maiores responsabilidades, desenvolver a capacidade de saber esperar por recompensas a longo prazo em detrimento de recompensas imediatas;
4. Empatia: desenvolver a capacidade de aceitar a perspectiva do outro, desenvolver sentimentos de empatia e sensibilidade com os outros, e desenvolver a capacidade de escuta;
5. Gerir relacionamentos: desenvolver competências para resolver conflitos e negociar acordos, desenvolver a capacidade de cooperação, de partilha e de ajuda (VALE, 2009, p. 131)

Podemos dizer, então, que este trabalho é uma tentativa de atingir em certo nível tais objetivos por meio da ação mediadora entre o leitor e o texto literário, já que a escola é apontada como uma das instituições responsável por esta promoção.

Conectando essa parte da monografia com o livro: Quem soltou o Pum?, que abre o próximo capítulo, percebemos quanto a imaginação é ativada e o quanto a mesma pode ser discutida e trabalhada para transpor o imaginário para a realidade. Soltar o Pum pode representar um ato de falta de educação, mas pode ser libertar algo que esteja preso. Soltar o Pum pode fazer soltar a imaginação e aterrissar em prescrições para um comportamento adequado às normas de boa conduta.

PARTE 2

CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO E O CAMINHO METODOLÓGICO



Capa do livro: Quem soltou o pum?, de Clandina Franco e José Carlos Lollo, 2010

CAPÍTULO 2

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Tipo de Pesquisa

Compreender como a literatura infantil contribui na formação da criança requer uma análise teórico-metodológico para melhor compreensão. Neste sentido escolhemos a abordagem qualitativa iluminada por princípios socioeducativos como sendo um conjunto diversificado de oportunidade de aprendizagem objetivando o desenvolvimento da autoconfiança e de capacidades com vistas a construção de um novo projeto de sociedade.

Propostas socioeducativas envolvem várias dimensões como: desenvolvimento do sentido coletivo, da autonomia na vida, do acesso e o usufruto de serviços básicos, do reconhecimento e compromisso com questões que afetam o bem comum.

Já a pesquisa qualitativa para Silva e Menezes (2000, p. 20) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Minayo (2001) afirma que a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Segundo Lüdke e André (1986, p.11-13), a pesquisa qualitativa tem cinco características básicas:

Ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
Os dados coletados são predominantemente descritivos;
A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisados;
A análise de dados tenta a seguir um processo indutivo.

Considerando as especificidades do nosso objeto de estudo e de como foi analisado também a consideramos uma pesquisa-ação. Trata-se de um tipo de pesquisa que possibilita o pesquisador intervir dentro de uma problemática social ou educacional, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os sujeitos envolvidos. Em educação, esse tipo de pesquisa constrói novos saberes e o docente/pesquisador tem condições de refletir criticamente sobre suas ações (PIMENTA, FRANCO, 2014).

A nossa pesquisa-ação foi uma ação planejada de caráter educacional, junto a uma turma de 5º ano do ensino fundamental. Por ter sido desenvolvida num universo escolar eu, enquanto pesquisadora principal, e as crianças e mães pesquisadas éramos todos participantes da pesquisa, de maneira interativa, que possibilitou uma relação muito próxima entre teoria e prática.

Para Pimenta e Franco (2014), envolver-se nesse tipo de pesquisa deve ter uma flexibilidade na aceitação dos pontos de vistas dos participantes, aceitar os resultados, mesmo que divergentes e funcionar como uma metodologia de uma pesquisa pedagógica que tem como objetivo estimular a expressão individual.

2.2 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados

Quanto aos procedimentos para coleta de dados utilizamos a revisão bibliográfica buscando informações e comprovações sobre o tema abordado a partir de materiais do tipo (livros, artigos científicos, sites educativos e revistas pesquisas em internet). Neste sentido recolhemos inúmeras informações acerca do problema estudado. Além da pesquisa bibliográfica utilizamos a

pesquisa de campo, que se caracterizam por investigações em que se utiliza tanto a pesquisa bibliográfica quanto a construção de dados junto às pessoas, explicando o problema que está sendo pesquisado (FONSECA, 2002).

Nesta pesquisa foram utilizados para a coleta de dados três instrumentos: observação participante, grupo focal e questionário.

As observações foram registradas com gravação de som e vídeo, fotografias e anotações. Kennski, (2003) afirma que a gravação de vídeo, por exemplo, permite certa exatidão ao analisar os dados.

Nas atividades de contação de histórias foram utilizados vários materiais e dinâmicas, como vídeos, teatro, som, objetos etc. As imagens, os fatos e as informações tornaram-se mais atrativos, tirando o foco apenas do texto escrito e observando detalhes que muitas vezes passam despercebidos. As atividades ocorreram num período de três semanas. Outras atividades que serviram para coletar de dados com as crianças foram os questionários abertos aplicados após cada história contada.

De acordo com Severino (2007, p. 125) os questionários são “conjuntos de questões sistematicamente articuladas, que se destinam levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”.

Sabendo que os mesmos são essenciais no processo de construção de dados optamos em coletar as respostas dos alunos e de suas mães, assim sendo, foram aplicados 3 questionários abertos destinados aos alunos, alternados durante três semanas, divididos da seguinte forma: Para cada semana foi aplicado um questionário, contendo de 6 à 8 questões abertas referente a literatura infantil trabalhada.

Outro tipo de questionário, contendo 3 questões abertas foi realizado com duas mães de alunos da referida turma sendo previamente selecionadas e esclarecidas de todo o andamento do projeto como também foram entregues às mesmas, cópias das literaturas trabalhadas em sala para melhor preenchimento dos dados sendo entregues ao final do projeto.

Também foi utilizando a técnica dos grupos focais, um método bastante usado na área mercadológica embora tenha migrado para outras áreas de conhecimento como as Ciências Sociais e as Ciências médicas. Permite que as convicções, os pontos de vista, as ideias dos participantes sejam expressas

de forma livre, além de ser possível apreender pequenos meneios, olhares, oscilações no tom de voz, expressões faciais etc.

Segundo Tanaka e Melo (2001) é uma técnica não-diretiva, que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico sugerido pelo pesquisador. Ocupa, como técnica, uma posição intermediária entre a observação participante e a entrevista de profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de constituição das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.

Johnson (1994) também afirma que os que utilizam dessa técnica se beneficiam de uma maior profundidade e multiplicidade de respostas, fruto de um esforço coletivo, o que não seria possível a partir de uma reflexão individual.

2.3 Caracterização da escola campo de pesquisa

A Escola Municipal Jaldete Guedes Pereira vem atendendo a comunidade em seu entorno desde 1970, porém consta no registro do INEP desde 2001. Ela está localizada na rua: Eduardo Felipe dos Santos-S/N, no Conjunto Nova Esperança, (considerada comunidade periférica), na cidade de Borborema - PB. É uma escola pública municipal urbana.

A mesma possui um Projeto Político Curricular como também um Conselho Escolar. Recebe verba da merenda do PDDE e oferece o nível de escolarização fundamental I distribuído em dois turnos da seguinte forma: Pela manhã: 2 turmas com o total de 33 alunos sendo: 4ºano "A" com 15 alunos e 5º ano "A" com 18 alunos e pela tarde: 2 turmas com o total de 32 alunos sendo: 4º ano "B" com 15 alunos e 5º ano "B" com 17 alunos atendendo assim uma totalidade de 65 alunos matriculados na faixa etária de 8 a 14 anos, correspondendo a famílias, na sua maioria composta de 3 a 11 integrantes.

A estrutura física da escola está organizada da seguinte forma: 3 salas de aula, sendo 1 utilizada para guardar materiais musicais, como também livros e jogos educativos; 1 secretaria, 1 cozinha, 2 banheiros (1 masculino e 1 feminino). Não há sala de professores tampouco pátio para brincadeiras. O

lazer ofertado à comunidade escolar é um campo abandonado, localizado em frente a instituição. O quadro organizacional é composto por 14 pessoas dentre elas: 1 diretor, 1 Vice-diretor, 4 professoras, 4 auxiliares, 2 agentes administrativos, 1 porteiro e 1 vigilante.

Tratando-se de recursos didáticos a escola disponibiliza de 1 televisão, 1 aparelho DVD, 1 som, 1 caixa de se som amplificada, 4 microfones (sendo três com cabo e um sem fio), 1 notebook, 1 data show, 1 impressora Epson al 355, 1 computador de mesa, 1 máquina fotográfica, 1 pendrive e 1 roteador.

Esses recursos são utilizados com fins didáticos e pedagógicos, e/ou como auxílio no desenvolver das diversas atividades tanto de ensino/aprendizagem, quanto em atividades eventuais, tipo: cultural e promoções de eventos dentro da escola.

Além desses recursos a instituição disponibiliza também materiais lúdicos como variados jogos, livros de literatura, materiais esportivos e musicais.

A escola mesma atende educandos que reside em um bairro de classe baixa, onde a violência, a presença de drogas e a prostituição mostram-se bastante acentuada. Esta realidade acaba influenciando na comunidade escolar em que muitas de nossas crianças vivem com os avós ou apenas com a mãe e trazem para a escola comportamentos inadequados aprendidos na rua como chamar palavras de baixo calão, gritar ou demonstrar outros tipos de agressividade e violência etc.

A renda destas famílias está ligada às atividades agrícolas (95% dos pais ou responsáveis se declaram agricultores), girando em torno de 0 a 1 salário mínimo, que corresponde a 95% das famílias onde 98% participam do bolsa família.

Nesse contexto está presente também, 0,5% dos alunos que desenvolvem algum tipo de trabalho para ajudar a família, ou até mesmo para manter-se com artigos que a família não pode dar.

Quanto a formação dos pais ou responsáveis pelos alunos o percentual é de 50% dos que nunca estudaram; 40% tem o ensino fundamental incompleto, séries iniciais; e 10% tem o ensino fundamental incompleto, séries finais.

2.3.1 Práticas educativas da escola

A proposta curricular da escola está baseada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394 de 20 de dezembro de 1996 e as diretrizes curriculares nacional. Merecendo destaque os princípios de liberdade e os ideais de solidariedade humana, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, redação encontrada no Art. 2º da LDB 9493/96 (BRASIL, 1996).

Esta proposta é pautada nos interesses e na realidade dos alunos, considerando suas particularidades e respeitando-os em uma perspectiva de valoração das particularidades da cultura local, tendo como metas a serem alcançadas: (1) valorizar os saberes a priori dos educandos; (2) priorizar as práticas que aprimore a leitura, a escrita e a interpretação; (3) valorizar os aspectos culturais da comunidade escolar; (4) utilizar metodologias e métodos que possam amenizar as disparidades sociais; (5) desenvolver atividades que discuta e desmistifique as questões étnicas, de gêneros e religiosas; (6) estimular competências para que o aluno possa aprender a aprender; (7) Desenvolver e aprimorar os princípios de cidadania e (8) promover experiências com o mundo do trabalho.

As práticas educativas estão voltadas para o processo de leitura, escrita e interpretação. A escola prioriza esses saberes como forma de garantir que os alunos conquistem autonomia e possam fazer reflexões sobre seu papel como cidadão. O professor jamais deve iniciar uma aula de leitura sem primeiro fazer um diagnóstico detalhado sobre a turma com caráter investigativo para avaliar o grau de desenvolvimento da leitura. Essa atividade possibilitará para o educador conhecer seus alunos e seus campos de interesses. A sensibilidade deve fazer parte da estratégia inicial, o mestre precisa perceber as reais necessidades dos seus alunos, dessa forma, a escolha e utilização de textos estarão dentro das expectativas dos alunos.

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1975, p. 93).

Outra Prática educativa é a valorização das manifestações artísticas e culturais da comunidade escolar, através de projetos que englobam as datas comemorativas (músicas, danças, teatro, jograis, gincanas, jogos, visitas a museus, espaços de artes, zoológico, prédios históricos, entre outros) são priorizados, oferecendo oportunidades de reflexão e socialização ajudando na transformação da visão de mundo do educando, desmistificando as diferenças étnicas, de gêneros e religiosas, valorizando cada sujeito na sua individualidade e fazendo-os perceber a importância do seu papel na sociedade e nas transformações sociais aproximando assim do mundo do trabalho.

Os projetos como o Mais Educação e Saúde são propostas educativas tidas como muito importantes buscando aproximar os alunos tanto no que diz respeito ao ensino/aprendizagem, tanto do conhecimento científico, quanto habilidades instrumentais e noções básicas de higiene e saúde, assim como as questões ética moral do sujeito essenciais nos dias de hoje.

2.4 Sujeitos da pesquisa

Para a pesquisa escolhemos uma turma de 5º ano, composta por 17 alunos entre 9 a 12 anos, sendo 9 meninos e 8 meninas. Dentre os 17 alunos optamos em uma amostra de 6 alunos seguidos de alguns critérios para melhor construção de dados: igualdade na divisão de gênero; questões pessoais/sociais e desenvolvimento cognitivo.

Outros sujeitos da pesquisa foram duas mães de alunos já selecionados por apresentar realidades de localidade diferenciadas (uma residente em zona urbana e outra em zona rural), além dos mesmos critérios estabelecidos aos alunos.

2.4.1 Características dos sujeitos e turma

Por serem crianças em sua totalidade oriundas de famílias de baixa renda (bolsistas), além de a maioria ser criada pelos avós ou apenas pelas mães e que muitas vezes às mesmas desenvolvem algum tipo de trabalho para ajudar a família, é perceptível que a turma é bastante heterogênea com costumes e hábitos bem distintos.

São crianças que precisam de uma atenção redobrada no que diz respeito a questões socioeducativas. A carência de afetividade demonstrada por eles é um dos maiores desafios nesta turma, talvez por questões de desestrutura familiar que é sem dúvida a base de tudo. São crianças sedentas de carinho e atenção.

A turma é muito ativa, um pouco difícil de lidar no que se refere a respeitar os colegas, característica que está melhor ao longo do tempo, especialmente após a realização desta pesquisa. Eles gostam muito de trocar seus materiais didáticos, conversam bastante, mas ao mesmo tempo dialogam com o professor fazendo sempre questionamentos quando não entendem a troca de conhecimentos.

Outro ponto que vale salientar é o respeito que todos tem para com os da instituição seguindo algumas regras construídas por eles mesmos juntamente com todos da escola, talvez pelo fato do vínculo construído por todos os funcionários afinal é uma turma concluinte perpassando já alguns anos na referida instituição. Mas esse respeito às vezes fica restrito para com os professores e funcionários da escola, não entre eles mesmos.

2.5 Método de análise dos dados

Optamos pela análise textual discursiva evidenciada por Moraes e Galiuzzi (2006) que fundamenta-se em quatro importantes elementos: o

corpus, a unitarização, a categorização e a comunicação (metatexto). Para os autores, trata-se de:

[...] uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso. Existem inúmeras abordagens entre estes dois polos, que se apoiam de um lado na interpretação do significado atribuído pelo autor e de outro nas condições de produção de um determinado texto (MORAES E GALIAZZI 2006, p. 118).

Portanto, foi consideramos a mais apropriada para a análise que planejamos fazer porque tínhamos muitos dados para uma análise do discurso, mas também queríamos ir além da análise de conteúdo. A análise textual discursiva possibilita analisar todos os tipos de textos envolvidos e coletados na pesquisa, seja verbais ou não verbais. Além disso, é orientado interpretar e discutir os dados organizando-os em unidades de significação e categorias, o que nos possibilitou olhar os dados distanciando-se, por meio de uma sistematização que ora fragmenta, ora agrupa.

2.6 Caminho metodológico

Optamos em coletar os dados das atividades desenvolvidas em campo por meio de observações com filmagens e questionários diferenciados.

As ações foram realizadas em 3 semanas, sendo realizadas as contações apenas no primeiro dia de cada semana (segundas-feiras). As contações foram diferenciadas uma das outras apenas no modo de contá-las em conformidade assim de esclarecer alguns de nossos objetivos. Para tanto as atividades foram divididas e desenvolvidas seguindo alguns critérios e momentos relatados a seguir.

Na primeira semana contamos a história “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque, que aborda a história de uma menina que tinha medo de tudo até de coisas simples como tomar banho, subir escadas, e que o seu maior medo era de um tal de um lobo. O medo dura até o momento em que ela o

encontra e o medo desaparece totalmente, ajudando a menina a ter coragem de enfrentar todos os outros medos.

Os critérios abordados e trabalhados durante esta semana foram relacionados a comportamentos frente aos medos, coragem, ansiedades e reações corporais: cor de pele, calafrios, doenças ou problemas psicológicos.

Iniciamos através da antecipação e apreciação da literatura em mãos, levantando variadas questões e hipóteses com os alunos do tipo: O que vocês veem na capa? Quem escreveu o livro? Quem ilustrou o livro? Do que a história vai falar? Porque tem uma menina com um chapéu? Qual é a cor do chapéu? Qual é a cor do rosto da menina na capa? Nesta outra página, qual é a cor do rosto dela? “Foleando o livro”, como está a menina?

No segundo momento aconteceu a apresentação da história em roda de contação de história com ajuda de mímica, recurso sonoro(teclado) e objetos variados como: chapéu, bota e cartolinas ilustrativas. Após a contação foi feito uma roda de conversa (grupo focal) para exposição de ideias antes e depois da contação, fazendo as seguinte indagações: gostaram da história? O que vocês falaram antes sobre a história era aquilo mesmo? O que permaneceu o mesmo? O que mudou?

Logo em seguida foi entregue o questionário da semana onde deveriam escrever um pequeno resumo da história como também responder as seguintes questões: cite a parte da história que você mais gostou. Por que você gostou dessa parte? O medo que a chapeuzinho amarelo tinha das coisas mais simples era algo normal? O que ela fez pra perder o medo? Você tem algum medo? De que e por quê? O que você aprendeu de importante na história “Chapeuzinho Amarelo”?

Na segunda semana contamos a história “Quem soltou o pum?”, de Blandina Franco e José Carlos Lollo. Conta sobre um menino e seu fiel amigo, um cachorrinho de estimação que se chamava Pum! Daí dá para tirar diversos trocadilhos, criando frases e situações realmente hilárias. É um tal de não conseguir segurar o Pum, que é barulhento e atrapalha os adultos, que dizem que o Pum molhado, em dia de chuva, fica mais fedido ainda, o que faz o menino passar muita vergonha diante de todos. Pobre Pum e pobre dono do Pum! Mas não tinha jeito com o Pum: simplesmente ninguém na história conseguia evitar que ele escape e cause certos inconvenientes.

As discussões abordadas e trabalhadas durante a semana foram relacionadas a Valores: amizade, obediência, responsabilidade e respeito; Ética: comportamentos adequados e inadequados, cuidado com os seres vivos.

Iniciamos através da antecipação e apreciação da literatura em mãos, levantando variadas hipóteses para com os alunos do tipo: O que vocês veem na capa? Qual é o título da história? Quem escreveu o livro? Quem ilustrou o livro? Quais são os personagens vistos na capa? Por que tem um cachorro na capa? Onde se passa esta história? Como está a criança? A história fala sobre o quê?

No segundo momento aconteceu a apresentação da literatura em forma de slide em data show. Logo após houve discursões breves para exposição de suas ideias antes e depois da contação indagando da seguinte forma: e aí, o que vocês disseram que era a história? Mas do que se trata realmente o livro? Por que na capa tinha um cachorro? Outras questões foram levantadas no momento em que eles iam respondendo.

Em seguida foi entregue o questionário da semana onde deveriam escrever um pequeno resumo da história como também responder as seguintes perguntas: Cite a parte da história que você mais gostou? Por que você gostou dessa parte da história? O que o menino fazia de errado? Por que ele fazia isso? Que palavra e em quais momentos na história há um duplo sentido? O que você aprendeu de importante na história? Quem soltou o pum? Seus pais ou professores reclamam de algum comportamento ou atitude inadequada sua? Qual? Cite: de pais e de professores:

Já na última semana foi a vez da literatura Infantil “Papagaio Tagarela”, de Pedro Paulo da Luz e Milena Barbosa. Esta fábula conta a história de um papagaio e de uma arara azul. Ele não era qualquer papagaio, mas sim o Papagaio Tagarela, que adorava ficar no converseiro com a arara azul. Tinha um péssimo comportamento, do alto de um cajueiro falava mal de todo mundo, principalmente da aparência de seus companheiros, sem se importar com os sentimentos dos outros. Suas atitudes mais tarde o fizeram sofrer grande arrependimento.

Os critérios abordados e trabalhados durante a semana foram relacionados a Valores: respeito, paciência, compreensão, amor; Comportamentos: intolerância, temperamento, maldade.

Iniciamos através da antecipação e apreciação da literatura em mãos, levantando variadas hipóteses para com os alunos do tipo: O que vocês veem na capa? Qual o título do livro? Quem é o autor do livro? Quem é o ilustrador do livro? Quais são os personagens que vocês veem no livro? O livro vai falar sobre o que? Qual é o significado do nome tagarela? Onde se passa essa história?

No segundo momento aconteceu a apresentação da literatura em forma de slides apresentadas com datashow. Logo após houve discursões breves no grupo focal acerca da história com as seguintes indagações: gostaram da história? A história falava de que e quem na verdade? Por que na capa tinha um papagaio? O que ele fazia? Outras questões foram levantadas no momento em que eles iam respondendo.

Em seguida foi entregue o questionário da semana onde deveriam escrever um pequeno resumo da história como também responder as seguintes perguntas: Cite a parte da história que você mais gostou? Por que você gostou dessa parte da história? O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso? O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por quê? Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes? O que você aprendeu de importante na história “Papagaio Tagarela”?

A seguir serão relatadas as interpretações dos resultados desta pesquisa. Essa parte, porém, carregou em si o suposto medo de fazer pesquisa em educação e a coragem de ousar, de perder o medo, assim como a Chapeuzinho Amarelo.

PARTE 3

RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO



Capa do livro: Papagaio tagarela - A fábula do papagaio e da arara azul, de Pedro Paulo da Luz e Milena Barbosa, 2012

CAPÍTULO 3

3 QUE FORMAÇÃO É DESENVOLVIDA A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL: NARRATIVAS DAS CRIANÇAS E DAS MÃES

Após a realização de todas as atividades orais e escritas citadas optamos em fazer uma análise textual discursiva que, como já foi dito, se caracteriza por ser um processo em que os textos são separados em unidades de significação dando origem a outros conjuntos de unidades, as categorias de análises.

É atribuído um movimento de interpretação do significado pelo autor e de outras vozes compreendendo melhor o texto como também visualizando melhor as peculiaridades e relações em estudo.

A relevância da análise do texto é determinada pela natureza do material analisado. Um estudo que se propõe analisar um texto requer categorias que permitam visualizar melhor as peculiaridades e relações do objeto em estudo. As categorias são conceitos básicos que pretendem interpretar e refletir os aspectos do real, suas conexões e relações, correspondendo às condições concretas, adquirindo consistência e sentido quando se referem a um contexto histórico-social determinado. Elas não são formas puras que dão conta do real, definitivamente, já que a realidade é dinâmica e contraditória (CURY, 1986, *apud* AQUINO, 2001, p.2) 1.

Para tanto as categorias a serem analisadas serão: 1) Que prazer pode transmitir uma história; 2) Medo de que? Do sentimento ao enfrentamento; 3) Comportamentos: quando são adequados e inadequados?; e 4) Lições que as histórias ensinam.

Durante a análise os sujeitos são nomeados pelas letras iniciais de seus respectivos nomes que mantemos em sigilo, conforme termo de consentimento livre esclarecido assinado por seus responsáveis. Assim as meninas são identificadas por M.K.V.P.S, 11 anos, R.F.O, 10 anos e I.S.A 11 anos; e os meninos por: M.S.S, 10 anos, M.V.O 12 anos e J.L.S,11 anos. As mães serão da mesma forma identificadas: J.P.S, 34 anos, mãe de M.K.V.P.S e G.S.C 35 anos, mãe de M.S.S.

3.1 Que prazer pode transmitir uma história?

Na primeira categoria de análise, analisaremos as respostas dos alunos sobre a contação de história como momento de prazer com as literaturas infantis. Nesta categoria as crianças falam o que mais gostaram e o por que. Nas falas de [M.K.V.P.S.11 anos], [I.S.A, 11 anos], [M.S.S, 10 anos], enfatizam que gostaram do momento em que havia uma dramatização em forma de mímica apresentada antes mesmo de a história ser contada incrementando a contação. Assim elas descrevem:

Eu gostei muito na hora que a professora entrou com seu marido com medo de abrir o livro. Por que foi muito divertida. [M.K.V.P.S 11 anos]

Gostei quando ela entrava com muito medo do lobo e gostei quando a professora foi entrando fazendo palhaçada. Por que foi muito divertida e engraçada e por que ela se tremia e tinha muito medo e também [I.S.A, 11 anos]

Eu gostei mais quando o marido da professora entrou. Por que foi muito engraçado e alegre. [M.S.S,10 anos]

Isso nos mostra a importância de levarmos outras pessoas que não sejam do cotidiano escolar para o desenvolvimento de diversas atividades, proporcionando às crianças, momentos de prazer. Igualmente uma forma diferente de iniciar uma contação de história incentivou o imaginário das crianças, não vendo/tendo o livro apenas como uma simples leitura, mas como um ato de brincar como afirma Alves ([199-] *apud* REVISTA PÁGINAS ABERTAS, 2015, p. 19): “um livro é um brinquedo feito com letras, ler também é brincar!”.

Faz-se necessário que a criança enxergue o livro não apenas como um papel que deve ser lido, como o medo que [M.K.V.P.S] cita “medo de abrir o livro”, mas algo que ela sinta prazer em abri-lo, ver um mundo mágico que ali se encontra em pequenas palavras, desenhando e desejando-o conceber.

Nesta mesma os demais alunos identificaram o medo da personagem até então apenas por gestos feitos pelos atores na dramatização mostrando que “gestos” podem sim dizer algo os fazendo sentir-se motivados para descrevê-los ou interpretá-los, essenciais na percepção da criança.

É perceptível nas falas de três crianças: [M.S.S], [J.L.S] e [M.V.O] que o aparecimento do lobo foi o momento em que mais gostaram.

Para a criança, os livros infantis só são algo prazeroso quando lhe fazem rir, propiciam momentos de descontração, despertam emoções, provocam um friozinho na barriga. A criança vive em um mundo mágico, cheios de fantasias e é essencial para seu desenvolvimento que vivencie tais momentos aguçando ainda mais seu imaginário, sua concentração, sua capacidade de levantar hipóteses, visto no tão esperado surgimento do lobo que parecia ser horripilante, um problema, e que na verdade torna-se algo bem diferente.

Dito por eles, talvez não pelo fato apenas de seu surgimento, mas pela imaginação do que seria esse tal lobo, o que ele iria falar ou fazer no momento em que encontrasse a menina. Isso é demonstrado também na fala de [R.F.O]:

Gostei da parte que o lobo insistindo e a chapeuzinho fica rindo. [R.F.O, 10 anos]

Este “fica rindo” é caracterizado pela personagem em não ter mais medo do animal em sua frente. O momento e a relação que a aluna constrói com o personagem possibilita que a mesma enxergue o outro lado, quando a chapeuzinho rir, simbolizando um ato de coragem ou uma perda de tal sentimento.

Outras palavras citadas pelos alunos como: “engraçado”, “divertido”, “interessante” e “alegre” tanto na contação de Chapeuzinho amarelo quanto em Quem soltou o pum? são frisadas por eles:

Por que foi muito engraçada e alegre. [M.S.S, 10 anos]

Por que foi legal e divertida. [J.L.S, 11 anos]

Percebemos o quanto as histórias despertam na criança a fantasia, o sentimento e o deslumbre da escrita e da leitura. Contar histórias é revelar mistérios, fazendo com que o ouvinte fique fascinado pela leitura, permitindo a criança trazer à evidência sua imaginação e quando esta ação acontece com prazer e emoção gera na criança desejo pela leitura, permitindo, assim, a construção de alunos leitores.

Já na contação da história quem soltou o pum? O momento de prazer que elas afirmam é mostrado em variados momentos da história, sempre quando o Pum é solto: “na hora da festa” [M.K.V.P.S], [M.S.S] e [J.L.S]; “na chuva” [I.S.A]; “Quando ele soltou o Pum” [M.V.O]; “debaixo do cobertor” [R.F.O].

Vale salientar que o pum relatado por eles, não está necessariamente relacionado ao cachorro, pois teve momentos que eles deixaram transparecer que falavam do real significado da palavra, como sendo gases expelidos (flatulência), sendo perceptível com mais facilidade quando questionados em sala de aula pelas risadas e cochichos no momento em que escreviam.

Isso mostra que eles fizeram associação em todos os momentos dos dois sentidos, tanto do fictício como da definição real da palavra, notado também em outras questões feitas oralmente a eles acerca da mesma palavra, dizendo que faz barulho, que cheira mal, que é feio fazer isso na frente das pessoas, mas ao mesmo tempo se reportando ao prazer do momento e de ver o cachorro solto.

Já na contação do livro da história: Papagaio Tagarela, é nítida a questão do prazer por eles sentido, com relação às palavras “ajuda”, “desculpa” ou “perdão” ao próximo, visto em suas próprias respostas:

Eu gostei da parte que a coruja e a saracura a salvou. [M.K.V.P.S, 11 anos]

Gostei da parte que os animais que falou da vida, socorreram o papagaio [R.F.O,10 anos]

(...) Quando a coruja salvou o papagaio. [I.S.A, 11 anos]

Da parte que ele pedia desculpa aos amigos. [M.S.S, 10 anos]

Quando o papagaio pediu perdão aos amigos. [M.V.O,12 anos]

Essa maneira deles perceberem as coisas é muito importante, pois quando a criança destaca tais ações como o momento em que mais gostou, dando a entender que não é só algo engraçado que pode lhe trazer prazer, mas atos de ajudar o próximo, pedir perdão ou se desculpar por algo que tenha feito, fazendo parte também de seu prazer, não de cunho divertido, mas como um estado de espírito para si mesmo e para o próximo.

A história ajuda a criança a construir sentimentos, fazendo elo com sua personalidade, suas experiências, suas fantasias, que estão muitas vezes implícitas nos próprios personagens, podendo influenciá-los de forma positiva, contribuindo com seu caráter e sua identidade.

3.2 Medo de que? Do sentimento ao enfrentamento

Outra categoria analisada, tendo como eixo a ficção e o real, o enfrentamento do medo, presente na história Chapeuzinho Amarelo e os medos sentidos por elas.

As crianças abordam a questão do medo, fazendo uma releitura e resgatando momentos importantes do mundo fictício em Chapeuzinho Amarelo. Ao enfatizar os medos da personagem pudemos perceber, nas falas de todos, que o medo da Chapeuzinho não era algo normal, porque ela tinha medo de coisas simples, como brincar, tomar banho, dormir, falar... Além disso, ela teve que enfrentar seu maior medo: “o lobo”, esse fato foi destacado por todos, como podemos ver na fala de [J.L.S]:

Não. Ela enfrentou o lobo e ela enfrentou o medo [J.L.S]:

Ao ver o ato de enfrentar algo ou alguém, citado pela criança, mostra uma questão que está intrínseca e não há quem possa roubar ou tentar enfraquecer sua determinação, mesmo que o problema pareça grande ou a dificuldade se mostre mais forte, entre tantos outros fatores que nos desafia, o desejo de vencer sobressai através de encorajamento e de sua autodeterminação, mostrando que não devemos desistir de nossos sonhos. Isso é muito importante, pois nos leva, através da ficção, a resolução de problemas reais, como também a momentos de ensino/aprendizagem significativos, que foram muitas vezes passados de pai para filho.

Outro momento que nos chama a atenção, é quando [M.V.O] cita: “... o lobo não era muito mal”, talvez pelo fato do recurso utilizado para representar o lobo fosse uma bota e não algo horripilante ou pelo fato da personagem

esboçar reações simples, como ficar parada, característica de quando tomamos um susto, nos paralisando momentaneamente, mas em seguida consegue ver que não é nada daquilo que aparentava ser.

Assim como na ficção, na vida real não é diferente, pois as crianças, muitas vezes, sentem medo, se assustam, mesmo que seja algo simples ou não, como por exemplo, medo de barata, de cobra, de pessoas estranhas, do escuro, de ficar sozinhas, ficar de castigo ou apanhar, entre tantos outros medos comuns nessa fase.

O medo é um comportamento característico de qualquer ser humano, que faz refletir nossas ações, levando-nos a agir com prudência em determinadas situações, porém ele pode ocasionar graves consequências, quando gerado em algum momento da infância e alimentado ao longo do tempo de forma exagerada, afetando a sua maneira de se relacionar com pessoas, animais e até objetos.

Outra característica marcante é na fala de [J.L.S], (M.K.V.P.S) e [R.F.O], quando perguntado de seu medo e o porquê dele, suas respostas foram:

Sim cobra porque é venenosa [J.L.S, 11anos] e [M.K.V.P.S, 11 anos] ...e ela pica [R.F.O]

Notamos nas falas de [J.L.S], [M.K.V.P.S] e [R.F.O] que eles têm medo de cobra porque ela é venenosa. O medo em si não é do animal, mas do que ele pode fazer ou causar ao ser humano através de sua picada. Muitas vezes ouvimos pessoas associarem o animal peçonhento a alguém, afirmando que tal pessoa pode nos causar algum mal e que devemos procurar ficar distante e principalmente não provocar sua ira, para não destilar seu próprio veneno, em forma de ódio, inveja, rancor, entre outros.

Já nas falas de [I.S.A], [M.V.O], [M.S.S], o medo é relatado na perspectiva de mentira, de fazer coisa errada, isso mostra uma visão de valor, onde os mesmos já apresentam um pensamento maduro, no que diz respeito ao mundo em que estão inseridos, essencial para sobrevivência, pois possibilita a formação de sua própria personalidade, construindo valores e comportamentos.

Tenho medo de mentir e de fazer coisa errada, de apanhar...
[I.S.A, 11 anos]

De fazer coisa errada porque é feio. [M.S.S, 10 anos]

De ladrão por que é todo o mundo. [M.V.O, 12 anos]

Ao observarmos as falas destas crianças, que já demonstram possuir grandes significados, percebemos que elas conseguem ver a realidade em sua volta, chamando atenção para problemas de desigualdade social, como também para atitudes de respeito.

Outro ponto muito relevante na fala de [I.S.A], onde a mesma traz tanto elementos reais como, por exemplo, o medo de cobra, sapo, também traz consigo o medo de algo construído do seu imaginário ou talvez por acreditar no fato de um personagem ou uma possível existência de um ser que assusta as pessoas e tira sua paz, de tão feio que seja. Vemos que ela está em uma transição de pensamentos.

Enfim, é importante compreender os medos das crianças a ajuda-las a enfrenta-los. Alguns medos são mais difíceis de vencer como o medo de a mãe morrer, do pai bater na mãe, de a mãe ficar doente. São medos de origens externas e, às vezes, fruto das relações humanas. As famílias precisam se conscientizar o quanto pode ser doloroso para uma criança assistir atos de violência em casa e o quanto o medo disto voltar a acontecer prejudica a harmonia de uma criança.

3.3 Comportamentos: quando são adequados e inadequados?

As falas de [M.S.S] e [M.V.O] trazem elementos muito característicos nos dias atuais que precisam ser trabalhados, como “fazer coisa errada”, sendo atribuído pelos mesmos como algo “feio”.

Entendemos que a atitude de mentir, por exemplo, é algo que pode ser encaixado nesta concepção, onde ela irá contagiar não só aquele que mentiu, mas todas as pessoas envolvidas no processo, podendo destruir pessoas que não tem nada a ver com a mentira proferida.

Já [M.V.O] aborda que todo o mundo é “ladrão”, a concepção desta criança é muito forte, dando a entender que ela vê as pessoas como ladras. É nítido, hoje em dia, que precisamos uns dos outros e nem todo mundo, como a mesma diz, é ladrão, porém há pessoas que se curvam a ganância e vivem na busca pelo poder, que usam máscaras, as quais um dia irão cair e causar uma grande vergonha para os que neles acreditaram.

Dentre os comportamentos inadequados, observados pelas crianças na ficção da literatura “Quem soltou o pum?”, por exemplo, todas as vezes que as crianças tratavam a questão do pum (cachorro) a seguinte resposta era dada: “porque ele soltava o pum”.

Vemos que as mesmas reconhecem a ideia central que é o cachorro não gostava de ficar preso, como foi dito por [M.K.V.P.S], que o cachorro soltava algo e, o que me chama atenção, que o próprio pum (cachorro) se sentia triste por estar preso por algo, no caso, pela coleira, que é bastante perceptível do início ao fim da literatura.

Isso nos faz refletir sobre a importância de estar livre, onde tanto os animais quanto as pessoas sentem essa necessidade e demonstram medo de ficar preso à algo ou alguém, devido a variadas situações ou por imposição de um superior, no caso da história o menino.

Desta forma, entendemos que ninguém é superior a ninguém quando se tem a liberdade (verdade) do seu lado, para fazer suas escolhas, sejam elas boas ou más, podendo levar ao fracasso ou a vitória.

O porquê do menino não conseguir segurar o pum (cachorro) é algo visto nas respostas das crianças, dando a entender que nem sempre se consegue segurar algo que se tem nas mãos. Quando há dentro de nós vontade de correr, de conseguir algo, de ajudar as pessoas, isso será conseguido. O Pum conseguia o que queria mesmo amarrado, preso a uma coleira ou seguro pelo menino onde a vontade de liberdade era tão grande que o cachorro arrasta seu dono, mostrando a todos seu desejo por liberdade, almejando e transformando a vida daqueles que o vê.

Quando as crianças citam que o Pum foi solto na festa, no jardim e etc, vemos que a liberdade é algo que não se pode comprar com biscoitinhos ou manjares oferecidos, mas é algo dado livremente e não imposto como cabresto, e como consequência desse ato vemos seus pulos de alegria por

estar livre e, assim, contagiando os outros com sua leveza, ou também podendo acontecer o oposto, dele se enfurecer por ter sua liberdade privada, prendendo novamente para não causar, talvez, uma desordem no que outrora havia sido feita.

[M.V.O] declara: "... porque deu vontade de soltar um pum". Em outras palavras, ele está apenas enfatizando que a vontade é algo livre, quando temos vontade de comer, por exemplo, comemos, quando temos vontade de falar, falamos, mas isso com ordem e decência, entre tantas outras coisas que muitas vezes queremos fazer. A "vontade" é que nos impulsiona a fazer o que queremos ou almejamos e não forçados ou empurrados, desde que seja para fazer o bem, devemos ter a nossa vontade voltada em ajudar o próximo e a si mesmo.

Já os comportamentos inadequados observados na ficção, contidos na literatura "Papagaio Tagarela", são nítidos, onde as crianças [M.K.V.P.S], [R.F.O], [I.S.A] e [J.L.S] reconhecem a ideia central ou o motivo, que era a do papagaio falar muito da vida dos outros, podendo ver isso quando eles dizem:

Ele falava da vida da pessoa. [M.K.V.P.S, 11 anos]

Falava da vida dos outros. Muitas coisas sobre os outros mangava deles. [R.F.O, 10 anos]

Ele falava muito dos amigos. [I.S.A, 11 anos]

Falava da vida dos outro. [J.L.S, 11 anos]

Para elas, o falar dos outros é um comportamento que não é correto, no sentido de dizer ou insinuar algo que não sabemos, mas apenas supondo como vive, o que faz, porque é daquele jeito, fazendo um pré-julgamento antes de ver as pessoas, de conhecê-las, o que está por trás das aparências, sem ao menos querer ouvi-la.

Tais atitudes são bem presentes nos dias atuais, onde podemos ver pessoas sendo julgadas simplesmente pelo modo de se vestir, de se comportar, de falar, de se expressar, esquecendo-se de vê-los como seres humanos, que precisam de ajuda e de respeito.

Atitudes como falar mal do outro pode gerar conflitos grandiosos, afetando não só a pessoa que ouviu, mas a todos os envolvidos, gerando desunião e provocando desconfiança entre aqueles que estão por perto. Um

dos exemplos que podemos dar é o efeito dominó, quando um cai os demais são afetados também.

A questão do xingamento com os amigos dito por [M.S.S] e [M.V.O] quando relatam em suas respostas:

Xingava os amigos. [M.S.S,10 anos]

Xingava o amigo [M.V.O, 12 anos]

É claro para eles que falar mal um do outro não é correto, é uma atitude/comportamento inadequado. Em sala de aula, tal atitude já sofreu transformações, quando necessário frisamos que esse tipo de comportamento é desumano e não deve ser praticado por ninguém, pois devemos respeitar para sermos respeitados.

Já os comportamentos adequados ensinados na vida real, as crianças apontam os pais como aqueles que lhes ensinam a questão de se comportar na hora da aula, não maltratar os colegas da escola, não chamar nome feio (palavrões) e não brigar.

E, realmente, é a responsabilidade dos pais ensinarem comportamentos que irão ser levados para o resto de suas vidas.

Observando suas respostas vemos que é no lar que eles carregam/trazem esses comportamentos, mesmo sendo crianças, muitas vezes criados pelos avós, tios ou apenas pela mãe, vindo de uma família fragmentada, que não tiveram a oportunidade de estarem juntas, mesmo assim mostram valores que foram passados de pai para filho, de mãe para filha, confirmando a importância dos laços familiares, que é base para todo ser humano.

Já quando abordamos o que é ensinado pelo professor, elas relatam:

Não falar na hora da sala de aula [M.K.V.P.S]

A questão que [M.K.V.P.S] está abordando é com relação a fala excessiva em sala de aula, prejudicando tanto o ensino como a aprendizagem, além de dificultar a concentração dos alunos.

Xingamentos, ofensas, até mesmo agressões, são coisas que podem acontecer não só em sala de aula, mas em qualquer outro ambiente que haja seres humanos, cabendo a nós, enquanto educador, a responsabilidade de coibir tais atitudes e não somente isso, mas de desconstruir essa visão desrespeitosa com o outro.

É de extrema relevância o que a criança [J.L.S] diz:

Não falar na hora errada [J.L.S].

Saber o momento oportuno de falar não é tarefa fácil para ninguém. Tal percepção é algo difícil de praticar, mas precisamos entender que há momentos em que se faz necessário apenas calar e observar, isso vale tanto para a sala de aula como também para o nosso dia a dia, por mais que tenhamos muito que dizer, é importante saber o momento certo para se expressar, e o coração pode ser o guia que irá nos direcionar para saber agir no tempo oportuno, pois se o teu coração for bom, todo o teu corpo será. Como está escrito no livro de Provérbios 4.23: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.”

Outro ponto ensinado pelo professor e que as crianças relatam, merece nossa atenção, como foi mencionado por [I.S.A], [M.S.S] e [J.L.S], retratando características de comportamentos inadequados:

Xingar os colegas [I.S.A];

Bagunçar, conversar [M.S.S];

Conversar, brigar, não fazer a tarefa [J.L.S].

É nítida a compreensão que esses alunos têm sobre atitudes inadequadas, mostrando que o docente tem a responsabilidade de fazer com que os educandos entendam seus direitos e responsabilidades em sala de aula, aprendendo a respeitar o outro. Na fala de [J.L.S], quando diz “fazer a tarefa”, relata a dificuldade que o mesmo tem, nítida em sua fala.

Nesta fala também é observado que o fazer algo dado a você como tarefa é de sua inteira responsabilidade, podendo ter erros e acertos na atividade, mas através de uma correção feita, muitas vezes, coletivamente, no quadro ou oralmente, procurando sanar dúvidas e ajustar aquilo que, talvez, o olhar de um só não foi capaz de ver, mas que com a mediação de outro, conseguiram identificar e corrigir.

Essa prática não é diferente em nosso dia a dia, pois precisamos ter a incumbência de quando é dada uma missão/tarefa, procurar fazê-la da melhor forma possível e quando não for possível realizá-la sozinho, buscar auxílio de forma coletiva, para que um erro não atrapalhe todo o andamento de um processo de qualquer que seja o intuito, estando sempre aberto para revisar, alterar, corrigir, recomeçar, compreendendo que todo esse procedimento. É para um melhor ensino/aprendizagem, que deve acontecer de forma crítica, na busca do pensar certo, como destaca Freire (2001, p. 42-43):

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

A reflexão/ação precisa ser uma prática diária do educador, permitindo a reconstrução de seu próprio conhecimento, incentivando a relação dialógica e o desenvolvimento do sujeito através de um currículo contextualizado, que valorize os saberes e reconheça a diversidade cultural de cada indivíduo, a partir de sua sala de aula. De acordo com Freire “[...] o importante é que a reflexão seja um instrumento dinamizador entre teoria e prática” (2001, p. 39). Dessa forma, é necessário que o educador vá além do pensar e refletir, que faça uma reflexão que promova uma ação transformadora, tanto em sua vida como na vida de seus educandos.

3.4 Lições que as histórias ensinam

Nos dias atuais sabemos que ler é algo que não pode e nem tão pouco deve ser desconsiderado, pois vivemos em um mundo letrado, em que há muitas transformações ocorrendo e precisamos estar preparados, entendendo através do mundo da leitura o que ocorre ao nosso redor e no mundo.

E, no universo da literatura não é diferente, pois o mesmo envolve um mundo mágico, em que a criança pode construir e desconstruir, criar e recriar seus conhecimentos, como aborda Dias e Quadros (2012),

As conexões que o leitor faz a partir da leitura, relacionando-a com o conhecimento adquirido, o contexto e a realidade em que está inserido, o repertório de leitura que possui, possibilitam a desconstrução, a construção e a reconstrução de novas ideias, levando-o a perceber de maneira crítica e criativa uma nova possibilidade de ir além das ideias já concebidas. A literatura permite ao sujeito reconhecer-se enquanto indivíduo e modificar a leitura que se faz do mundo. Ela permite ser um fio a explorar a complexidade. (DIAS E QUADROS 2012, p. 9)

Para tanto, é necessário que o professor estimule e provoque no aluno a vontade pelo novo, pelo imaginário e a literatura é o instrumento principal para a realização dessa prática, possibilitando ao educando construir suas ideias auxiliadas pela literatura, promovendo o desenvolvimento da identidade do sujeito.

Outra categoria que analisamos, foi a questão do que uma história pode ensinar.

Observando a história da literatura infantil *Chapeuzinho Amarelo*, onde identificamos nas respostas de [M.K.V.P.S], [R.F.O] e [J.L.S], que “não podemos ter medo de tudo” (das coisas simples), apenas de algumas coisas.

Vemos que as mesmas identificaram que o medo de brincar, dormir, falar, ver, que é contado na história, para elas são algo simples e que não podemos ter medo disso. Mas o medo não é algo que não possa existir. Pelo contrário, é um mecanismo de defesa e se torna importante em determinadas situações porque nos faz pensar em soluções para determinados problemas.

Vivemos em um mundo cruel, onde cada vez mais é difícil deixar as portas da casa aberta, algo que era normal e corriqueiro em tempos atrás, medo de sair de casa devido a violência, além do medo de fazer tais coisas descritas pelos alunos, que correspondem também a algo ou alguém ficar impossibilitado de ter vontade de sair, de brincar ao ar livre, de falar com os outros de tal assunto, gerando um conflito interno, podendo acarretar problemas psicológicos ou de caráter físico, tão presente nos dias atuais.

Medos que no passado eram simples, hoje requer mais cuidados.

Outro ponto de extrema importância foi a da criança [I.S.A], quando diz: “...só podemos ter medo de Jesus e dos meus pais, tios, avós e da minha família.”

Nesta afirmação vemos a riqueza de detalhes, onde uma criança de 11 anos, criada pela avó, dentro de um contexto familiar desestruturado, revela que devemos “ter medo de Jesus”, mas não porque ele é ruim, mas pelo fato, como ela mesma diz, dele não gostar de coisas erradas e porque ele é amor, mas também é mal para com aqueles que cometem coisas ruins. Além disso, ela cita a questão do medo de seus familiares, mostrando que, mesmo nesse contexto, ela ainda obtém valores e comportamentos de obediência a seus responsáveis, sabendo que se fizer algo de errado terá consequências em casa. Nesse caso o medo é respeito.

Entendemos que atualmente precisamos ter esse respeito para com os nossos pais, avós, irmãos, como também àqueles que oferecem algum tipo de valor para nós, que nos ajuda a construir conhecimentos, valores, os quais servirão para a nossa vida e para a vida daqueles que vivem em nosso meio. Sendo os pais os nossos maiores exemplos, devemos respeitá-los e honrá-los.

Há ainda a resposta de [M.S.S], quando relata o seu “medo de fazer coisa errada”, dando em seguida como resposta, “porque é feio”.

Notamos claramente que para ela fazer coisa errada é um ato feio, vergonhoso e que causa temor se imaginar fazendo algo assim. Com isso, compreendemos que [M.S.S], já traz consigo valores, nos levando a entender que tanto a família como a escola exerce uma influência positiva na vida do mesmo e tem contribuído com seu desenvolvimento cognitivo e social, sendo este o papel intransferível das duas instituições mais importantes na vida de um sujeito. Família e escola precisam caminhar juntas, com o propósito de

construir no indivíduo uma identidade emancipadora, crítica, que os torne cidadãos conscientes e convictos de seus direitos e deveres, preparados para viver no mundo e o transformar num lugar de justiça e paz.

Na afirmação de [M.S.S], é nítida a questão do medo de alguém, no caso dela de ladrão, quando diz que é “todo mundo e que eles roubam todos”. Sua fala nos mostra que ela tem uma visão negativa do mundo e das pessoas em sua volta, pois revela que não consegue confiar em ninguém pelo fato de ver todos como um ladrão que rouba tudo o que se tem, até a dignidade.

A partir desta revelação, podemos perceber que a criança sofre influência do meio social em que está inserida, já que ela reside numa comunidade bastante perigosa socialmente, onde há relatos corriqueiros de violência, roubo, uso de drogas e de tanto conviver com essa realidade, acaba generalizando e tendo uma visão de que todo mundo rouba.

Já analisando as respostas acerca do livro: Quem soltou o pum?, vemos que eles destacaram o pum (flatulências) como algo de errado/feio, caso isso ocorra na frente das pessoas ou em ambientes públicos como a própria sala de aula. Entretanto, sabemos que a emissão de gases pelo ânus é algo normal a todas as pessoas e faz parte da fisiologia humana¹. Em geral, caso a pessoa precise soltar um pum em ambiente público, deve sair do ambiente.

Durante as aulas na turma pesquisada, essa atitude que não era praticada, foi construída a partir desta literatura, quando trabalhamos atos de respeito e educação entre colegas e professores.

Este tipo de comportamento, que era bastante comum entre eles, foi desaparecendo e hoje vemos em sala de aula uma prática diferente, mostrando que eles não só aprenderam, mas conseguiram mudar seu comportamento. Tal ação nos inspira a continuar acreditando na transformação do sujeito, pois a partir de uma literatura foi possível promover uma aprendizagem significativa, aquele em que o conceito é aprendido e executado.

Outro ponto abordado é com relação às pessoas chamarem palavrões, como se fosse algo bonito, prazeroso, edificante. No entanto, muitas vezes,

¹ Tem origem nos gases que são ingeridos juntamente com a comida e, minoritariamente, nos gases acumulados durante o processo de digestão dos animais, na etapa de decomposição dos resíduos orgânicos dentro do intestino. Um desses processos é a fermentação de carboidratos por bactérias. A intensificação da flatulência pode ocorrer em pessoas ansiosas, que falam ao comer ou que comem muito depressa, ou em pessoas que sofrem de parasitoses intestinais. Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Flatul%C3%Aancia>

essas atitudes acabam desrespeitando o outro, por meio de xingamentos, ofensas, provocando no outro o “direito” de revidar, além de constrangimentos.

Enquanto educadores, precisamos ser exemplos e mostrar para aos educandos que é preciso respeitar para ser respeitado, e isso pode ser notado na fala de [I.S.A], quando diz:

Não chamar nome com os professores [I.S.A],

“Chamar nome” refere-se a usar palavras de baixo calão. Entendemos que ele vê o professor como uma autoridade em sala e que merece seu respeito. Mas, é preciso demonstrar que todas as pessoas merecem respeito e que o uso de palavrões não apropriado com ninguém.

Outro destaque da história do Papagaio Tagarela é a questão de ver as pessoas pela aparência física, como podemos identificar nas respostas de [M.K.V.P.S] e [R.F.O].

Não rir das pessoas [M.K.V.P.S, 11 anos]

...Não rir dos outros porque Deus fez assim. [R.F.O, 10 anos].

A partir dessa fala, notamos certa identificação entre [M.K.V.P.S] e [R.F.O] e a história, pelo fato de eles apresentarem, em sala de aula, algumas características semelhantes ao personagem da história.

As atitudes de avaliar pela aparência física são sempre debatidas em sala de aula, assim como todos os tipos de costume errôneo. Mas eles responderam o porquê desse tipo de comportamento de forma bastante conformada:

...porque Deus fez assim [R.F.O,10 anos],

...Deus criou ele assim [J.L.S],

Esse tipo de resposta pode ter dois sentidos. Um é usar o nome de Deus para justificar algo que não se quer mudar. Sempre que se coloca o nome de Deus parece ser mais aceito e dessa forma a pessoa se torna isento de qualquer tentativa de mudança.

Outra explicação é que para as crianças, quando Deus cria algo, é perfeita naquilo em que deve ser. Deus não vê a aparência, mas o coração e, assim, acontece nos dias de hoje, onde muitas pessoas olham o exterior e fazem pré-julgamentos, sem antes conhecer o contexto daquele sujeito, sua história, sua forma de viver e de se relacionar. Pode ser uma forma de dizer

Vivemos em um mundo mascarado, que tem apresentado uma visão distorcida dos seres humanos, desconsiderando sua cultura, seus valores, seus saberes, impondo um modelo estereotipado de indivíduo, que viva de forma egocêntrica, individualista, sem afeição pelo próximo; que viva de aparência e não se preocupe com os anseios da coletividade, interrompendo a interação e a construção de relacionamentos através do diálogo, que envolva o amor, a compreensão, o respeito, a amizade, sentimentos raros nos dias atuais.

Quando [M.S.S] diz que “não se importar com a vida dos outros”, ela está falando no sentido de que não devemos menosprezar as pessoas pela aparência, fato relatado na história, mas que devemos ter uma ação de olharmos para dentro de nós mesmos e refletirmos se estamos fazendo o que dizemos, se nossa fala condiz com a nossa prática.

Nesta ótica, podemos perceber a concepção que a criança já percebeu que as pessoas estão sempre apontando os defeitos do outro enquanto tentam esconder os seus próprios erros.

Essas práticas precisam ser desconstruídas e tal responsabilidade também é da escola, partindo do educador, que precisa analisar todo esse contexto no intuito de possibilitar desenvolvimento social, intelectual, mostrando a responsabilidade de cada pessoa em suas escolhas, pois elas, sejam boas ou não, irão refletir no ambiente em que estiver e o resultado positivo vai depender de suas ações.

Portanto, as histórias ensinam lições de atitudes e comportamentos que estão relacionados ao saber como por exemplo, autonomia, estabilidade emocional, sociabilidade, capacidade de superar fracassos, curiosidade, perseverança (CHAN, 2014). Essas competências geram respeito, compaixão, interação, protagonismo etc.

Por exemplo, a história de Chapeuzinho Amarelo trabalha a competência da estabilidade emocional e ensina a lidar bem com situações adversas e controlar os sentimentos negativos, como o medo.

A história Quem soltou o Pum? Trabalha o cuidado e atenção com os animais de estimação, o controle com o corpo e as atitudes apropriadas no convívio coletivo. É a competência da sociabilidade, a capacidade de interagir de maneira saudável com os outros, respeitando os lugares e as pessoas. Uma criança sociável é capaz de fazer e de manter amizades, de expressar e compreender sentimentos e opiniões, impondo-se quando necessário, sem desrespeitar o outro.

Em papagaio tagarela, pode também ser trabalhada a competência da sociabilidade. Esta é uma competência ampla. O papagaio seria uma pessoa de temperamento intolerante com o péssimo comportamento da maledicência, que ao final aprende a lição de respeitar as diferenças.

O desenvolvimento da sociabilidade por meio da história do papagaio tagarela leva a criança primeiramente ao autoconhecimento, que nos ajuda a perceber os próprios defeitos e qualidades de maneira honesta, sem exagerar nas qualidades ou amenizar os defeitos. Igualmente pode-se trabalhar a autoestima que é a valorização do que se é e que leva a autoconfiança, a capacidade de se sentir confiante e capaz diante das mais diversas situações.

Essas são lições fundamentais para toda a vida, pessoal e, futuramente, profissional.

3.5 Interpretando as respostas das mães...

Durante o projeto também analisamos as respostas de duas mães com relação às mudanças de comportamento dos alunos em casa.

Ao perguntar as mães sua criança comentou alguma coisa em casa sobre as histórias contadas em sala de aula elas confirmaram que as crianças relatavam:

Sim, muitas, todas as vezes que tinha histórias ela chega em casa contando...
[J.P.S, 34 anos]

Sim. Ele relatou muitas coisas que ele viu. [G.S.C 35 anos]

Pelas falas das mães percebemos que as crianças sentem prazer no que é feito na escola, levando-as a relatarem o que viu e ouviu na escola em casa e assim refletindo com seus familiares, compartilhando saberes e construindo conhecimentos.

Pelo exposto entendemos que a instituição deve oferecer momentos de prazer à criança que gere conhecimento, para que ela influencie e seja influenciada de maneira que venha a construir e (re)construir conhecimentos, tornando-se um ser político, crítico e ciente de seus atos.

Ela contava que em uma história falava de uma menina que tinha medo de tudo, falou de um cachorro chamado Pum e de um papagaio que fala da vida dos outros. Ela falou que não ia ter medo do sapo; disse a Kaio que ele não podia soltar pum perto dela, só no banheiro. [J.P.S, 34 anos]

Ele contou que na sala de aula, por exemplo, a professora fazia o mesmo jeito que a menina da história fazia e também falou do PUM, que era um nome de um cachorro, tinha duas qualidades de Pum, o pum que é gás e o PUM que é o cachorro.
[G.S.C 35 anos]

Essas falas confirmam que as crianças abordam em casa o que foi feito em sala, mostrando que absorveram a ideia central de cada história e demonstrando construção de conhecimento (existem qualidades de Pum, o pum que é gás e o PUM que é o cachorro); mudança de opinião e/ou comportamento (disse a Kaio que ele não podia soltar pum perto dela, só no banheiro), assim como tomada de decisão frente a uma dificuldade (não querer mais ter medo de sapo).

Um ponto que merece nossa atenção é com relação ao diálogo entre seus familiares, prática pouco usual nos dias de hoje, mas que nesse caso foi constante, ao menos durante todo o período do trabalho com as histórias.

A mãe [G.S.C] apresenta um fato bem interessante comentado por seu filho em casa, quando lembrou que “a professora fazia o mesmo jeito que a menina da história fazia”. A partir do depoimento da mãe, vemos que a criança

fez associação das imagens vistas anteriormente na literatura com a expressão feita pela professora quando realizava a contação, mostrando que a forma de contar história influenciou na compreensão.

Na fala da mãe [J.P.S] percebemos que sua filha compreendeu a história do Papagaio Tagarela, quando explica que ele “fala da vida dos outros”, fazendo relação e ao mesmo tempo justificando a palavra tagarela. Ela também comenta decidiu não ter mais medo de sapo e pede para seu irmão não soltar pum perto dela, mas só no banheiro, mostrando que não só aprendeu como também compartilhou seu conhecimento com sua família.

É importante para o desenvolvimento da criança quando há uma relação familiar construtiva, através das histórias trabalhadas com as crianças percebemos que houve troca de saberes, quando relatam sobre o que aconteceu no dia a dia, de bom ou ruim, se conseguiram ou não fazer aquilo que planejaram. Para a criança, a conversa (diálogo) é de suma importância e essa ação deve começar em casa e ser instigada na escola, preparando o aluno para uma boa relação com a família, com a escola, com a comunidade.

Outra pergunta analisada foi se a mãe notou algum comportamento ou mudança de atitude durante as três semanas que aconteceram as atividades com contação de história:

Ela chegou durante a semana falando da professora, que estava com o marido cantando história na sala de aula. Ela gostou muito e achou bonita a surpresa. Assim que ela chega em casa, ela conta tudo o que houve no dia; ela conta mais coisa do que aconteceu na escola; ela sempre ensina o irmão dela.

[J.P.S, 34 anos]

Sim, por exemplo, toda semana quando ele chegava da escola ele contava o que tinha acontecido na sala de aula, o que a professora fez, chegava também mais alegre. Toda segunda que ele chegava já era falando das histórias que a professora contou. [G.S.C 35 anos]

Percebemos nas falas das mães, que as duas crianças ao chegar em casa já sentiam a necessidade de contar o que aconteceu em sala de aula. Onde uma delas destacou a parte quando a professora estava com o marido cantando na sala, frisando que achou bonita a surpresa. Nesta parte podemos entender o motivo dela ficar surpresa, por ser uma cena rara ver esposa e

marido catando juntos em uma escola, até porque vivemos no mundo cada vez mais egoísta, onde as coisas acontecem mais de forma individual do que familiar, e a participação do esposo foi justamente para mostrar a importância da união da família.

Outro ponto que também merece nossa atenção é quando [J.P.S] relata que sua filha sempre ensina seu irmão. É nítido que ação como esta mostra o efeito positivo do ensino/aprendizagem em sala de aula, pois a aluna transmite o que aprende na escola para seus familiares e essa troca de saberes gera a construção de novos conhecimentos.

Já a mãe [G.S.C] destaca que seu filho chegava mais alegre e que toda segunda já chegava em casa contando as histórias vistas em sala de aula.

Tudo que é feito com amor e prazer em sala de aula, no intuito de ajudar o próximo, a criança sente e é refletida através de sua alegria expressada em casa, contagiando os que estão em sua volta.

Percebemos com isso, que a leitura, a metodologia adota pelo professor, a participação dos alunos em sala de aula tem incentivado a aprendizagem e proporcionado interação com outros sujeitos, tanto dentro da escola como fora dela, contribuindo com o seu desenvolvimento e a sua relação com o meio em que vive, construindo pessoas que entendam o valor de si mesmo e do outro, respeitando as diversidades e gerando atitudes que visem transformar o ambiente que ele esteja inserido.

Ao analisarmos as respostas das mães quando perguntado qual foi a história que seu filho mais gostou, como também o porquê elas relataram:

A Chapeuzinho Amarelo por que ela aprendeu a perder o medo de sapo e por que ela viu o lobo em forma de bota e as mímicas e durante toda a apresentação. [J.P.S, 34 anos]

A que ele gostou foi a do papagaio tagarela por que ele falou que a gente não pode falar dos coleguinhas por que tudo o que a gente fala dos amigos volta pra gente. E também ele falou o que mais falou dos coleguinhas foi o que mais precisou dele. [G.S.C 35 anos]

Entendemos na afirmação de [J.P.S] que a metodologia é algo que influencia positivamente no resultado de uma ação, quando relata em sua fala

que sua filha se identificou com o lobo em forma de bota, da mímica e em todas as apresentações das contações.

Nos dias atuais, é uma tarefa muito difícil atrair a atenção das crianças, se não houver algo que lhe prenda sua atenção, que lhe faça ter vontade de ouvir de novo, quantas vezes forem precisas e de forma prazerosa, aguçando ainda mais seu imaginário, possibilitando a criação e recriação de conceitos e conseqüentemente a resolução de problemas futuros, por meio de simples ações que possam contribuir com laços recíprocos de aprendizagem, que vão solidificando ao longo do tempo seu conhecimento.

Já a mãe [G.S.C] nos mostra que a criança entendeu não só a ficção, mas também trouxe para sua realidade a importância do respeito e de se praticar o bem para uma boa convivência, levando a entender, em sua fala, que toda ação gera uma reação, quando ele diz que o que fizermos a alguém retornará a você mesmo, em outras palavras colhemos o que plantamos.

E essa foi uma de nossas propostas no projeto, que a criança pudesse fazer a relação entre o fictício e a sua própria realidade, contribuindo com o seu desenvolvimento.

Outro ponto que nos chamou a atenção em sua fala, foi a questão de que não devemos desprezar ninguém, pois um dia poderemos precisar dessa mesma pessoa que tanto foi criticada.

Infelizmente vivemos numa sociedade muito egoísta, capitalista, consumista, que vê o outro como uma forma de troca, como um objeto que usamos e depois descartamos, onde pessoas querem ser melhores e maiores que as outras, usando muitas vezes de má fé para obter alguma vantagem. Mas esta realidade pode e deve ser mudada através de atitudes simples, como um “não” na hora certa, uma boa relação familiar gera bons relacionamentos fora dela, e a escola também tem essa responsabilidade, de promover diálogo construtivo, que leve o educando a compreender e respeitar as diversidades culturais, atitudes como uma simples contação de história, mostra uma grande diferença na vida dos alunos, basta o professor mediar essa relação e junto com os educandos, construir um mundo melhor e mais feliz para todos, a partir de sua realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítida a contribuição deste trabalho por envolver ação-reflexão de uma prática que envolve um olhar para o ser que está sendo formado. Ser que irá construir valores e atitudes necessários para o amanhã.

Ser educador vai além do hoje. Percebemos que instigamos valores e comportamentos socioemocionais que irá refletir não só no âmbito escolar, mas em todas as áreas. Algumas das crianças sujeitos desta investigação têm seus pais presentes nas cadeias devido, talvez, a falta de oportunidade de desenvolver competências, atitudes e habilidades passado, que fizeram falta em algum momento da vida, fragilizando assim o convívio deles e destruindo famílias, lares, pessoas.

O ato de educar perpassa os muros da escola, afetando não só a instituição, mas toda uma comunidade onde está inserida, como também influenciando outras, provocando transformações.

O amanhã não nos pertence e cabe a cada um de nós, enquanto educadores, entender a tão profunda responsabilidade que temos de nossos atos, que podem gerar consequências boas ou más, afetando o “eu” de nosso alunado, bem como o seu próximo, sua própria família e aqueles que estão a sua volta.

Precisamos compreender o outro, ser tolerante, respeitar a diversidade de pessoas, valores, religião, gostos e gêneros, ter educação, fazer amizades, formar caráter, praticar o amor, entre tantos outros sentimentos importantes para o convívio em sociedade e acima de tudo entre você e o próximo.

Não basta inteligência se o indivíduo não souber se relacionar com os outros, não for determinado e não conseguir controlar suas emoções, entre outras características da personalidade, que pode ser aperfeiçoada, desenvolvida no lar e na escola.

Competências socioemocionais são essenciais para nossa sobrevivência, podendo ser construídas e/ou desenvolvidas no âmbito educacional, assim como no âmbito familiar, a partir do próprio lar, com sua família, desenvolvendo o que há de mais sagrado entre os sentimentos, o amor entre um pai, uma mãe, um filho, retratados no amor de Deus através do

sacrifício salvífico de Jesus Cristo por cada um de nós. Quão grande é o amor de um pai por um filho e é esse amor que transforma vidas, lares, comunidades, que deve ser copiado e transmitido sempre.

Entendemos a grandeza desse sentimento através do lindo gesto de libertação das pessoas, que viviam presas em suas mazelas. E essa responsabilidade passa pela escola, que deve ser um espaço de construção do conhecimento, de transformação de vidas, fazendo jus a sua própria existência.

Este trabalho pode ser a semente lançada do bem, do amor, da educação e no tempo certo irá germinar e dar frutos. Os frutos podem ser a multiplicação de ações educativas com literatura infantil para a formação moral da criança e pode ser a continuidade do estudo dessa temática.

Que os frutos sejam lindos lírios, que cresçam para nutrir e libertar o ser humano de si mesmo e da escravidão do mundo, com a missão de abençoar outras vidas.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA, Sagrada: tradução na linguagem Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

_____: tradução na linguagem Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez... na escola:** formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e informando leitores:** orientações para o trabalho com a literatura; colaboração de Lucilia Helena do Carmo Garcez. – São Paulo: Global, 2006. 63p. il.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Leitura e Produção Textual de Alunos Universitários.** 2001. Disponível em: <http://www.ldmi.ufpb.br/mirian/artigos.htm>. Acesso em 08 de nov. 2015.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio.** Traduzido por Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais:** uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Capacidade da Alfabetização.** et al. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFMG, 2005.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas.** 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BRASIL. Fórum Internacional de Políticas Públicas – **Educar para as Competências do Século 21.** São Paulo: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <<http://www.educacaosec21.org.br/foruminternacional2014/wp-content/uploads/2014/01/comunicado-de-imprensa-f%C3%B3rum.pdf>>. Acesso em 12 de nov. 2015.

_____. Resolução nº 4 de 2009. Brasília: MEC, 2009.

_____. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Arlene Caetano. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre.** Rio de Janeiro: Nódica, 1995, 1996.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil:** visão histórica e crítica. 6. ed. São Paulo: Global, 1989. Rev. psicopedag. vol.23 no.70 São Paulo 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007> Acesso em: 05 de out. 2015.

CHAN, Iana, O que são competências não-cognitivas? **Revista Educar para crescer**. São Paulo. Editora Abril, 2014. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/sao-competencias-nao-cognitivas-777484.shtml> Acessado em: 2 dez. 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

CUNHA, Antunes Antonieta Maria. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CUNHA, Leo. **Literatura Infantil e Juvenil**. In: Formas e Expressões do Conhecimento. Minas Gerais. Ed. UFMG, 1998, 2003.

DIAS, Flávia Brito e QUADROS, Deisily de. **A leitura, o leitor e a escola...** Algumas considerações sobre a literatura infantil. UFPR/Faculdades Santa Cruz/Colégio Medianeira. 2012. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S4/deisily.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2015.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975

FROMM, Erich. **A linguagem esquecida**: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GLOBAL EDUCATION LEADERS' PROGRAM BRASIL. **Habilidades socioemocionais**: questões conceituais e práticas. 2014. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/GELP/HABILIDADES-SOCIOEMOCIONAIS-QUEST%C3%95ES-CONCEITUAIS-E-PR%C3%81TICAS.pdf> Acessado em 4 de dez. 2015.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

JOHNSON, D. Focus groups. In: ZWEIZIG, D. et al. Tell it! **Evaluation sourcebook & training** manual. Madison: SLIS, 1994.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 1ª Ed. São Paulo: Papyrus, 2003. p. 157.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

MELLO, Liliane Heckert de. **A Importância das Histórias Infantis no Ambiente Escolar**. Rio de Janeiro, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001. 80 p.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf> Acesso em 21 de Out. 2015.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Rev. Abordagem gestalt.** vol.18 no.1 Goiânia jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672012000100007&script=sci_arttext>. Acesso em 05 de out. 2015.

PIAGET, J. (1988). **Para onde vai a educação?** (10ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

PIMENTA, Selma G e FRANCO, Maria A. Santoro. **Pesquisa em educação.** Possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. São Paulo: Edições Loyola, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/860/873>> Acesso em: 5 dez 2015.

REVISTA PÁGINAS ABERTAS – Ano 40 nº63 – 2015. Julho - Agosto – Setembro. **Pia Sociedade de São Paulo.** Paulus. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/agronomia/manualcap1.htm>. Acesso em: 20 de novembro. 2015.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis: LED/UFSC, 2000.

TANAKA, Oswaldo Y. e MELO, Cristina. **O Que e Grupo Focal?** Roteiro de exposição baseado em “Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente - um modo de fazer”. São Paulo: Edusp, 2001. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/grupospesquisamusicaueuergs/grupofocal-12670605>>. Acesso em 11 out. 2015.

TEIXEIRA, Daniane Priscila. **Os Contos de Fadas na Literatura Infanto-Juvenil.** Canoas – RS, 2009. Disponível em: http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/graduacao/letras/2009/dpteixeira.pdf. Acesso em: 20 de nov. 2015.

VALE, Vera do. Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. **Exedra**, nº2, Coimbra, Portugal, 2009. P.129-146.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola.** São Paulo: Global. Ed., 4ª Ed., 1985, 1998, 2003

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Quadro de análise

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO: A contação de história como momento de prazer

LITERATURA INFANTIL	NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
Chapeuzinho Amarelo	<p>Eu gostei de tudo que mais eu gostei quando mia chegou eu gostei muito na hora que a professora entrou com seu marido com medo de abrir o livro. Por que foi muito divertida. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Gostei da parte que o lobo insistindo e a chapeuzinho fica rindo. Por que o lobo fica insistindo e a chapeuzinho fica rindo. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Gostei quando ela entrava com muito medo do lobo e gostei quando a professora entrando fazendo palhaçada. Por que foi muito divertida e engraçada e por que ela se tremia e tinha muito medo e também. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Eu gostei da parte que o lobo aparece. Eu gostei mais quando o marido da professora entrou. Por que foi muito engraçada e alegre. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Quando o lobo apareceu. Por que ela era mais interessante. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Quando ele parou e disse medrosa e quando o lobo apareceu. Por que foi legal e divertida. [J.L.S,11 anos]</p>
Quem soltou o pum	<p>Eu gostei na hora da festa. Por que foi muito engraçada e divertida. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Gostei da parte que o menino solta o pum debaixo do cobertor. Por que ele soltou ele fez escondido. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Quando o menino soltou um pum na chuva. Por que eu achei muito engraçado e divertido. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Eu gostei da parte que ele soltou o pum na festa. Por que é muito engraçada. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Quando ele soltou o pum. Por que ele era a mais engraçada. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Quando ele soltou o pum na festa. Por que é engraçada. [J.L.S,11 anos]</p>

<p>Papagaio tagarela</p>	<p>Eu gostei da parte que a coruja e a saracura a salvou. Por que ele fez gesto legal. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Gostei da parte que os animais que falou da vida, socorreram o papagaio. Por que ele, o papagaio aprendeu uma boa lição. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Eu gostei quando o papagaio caiu dentro do rio e quando a coruja salvou o papagaio. Por que foi muito engraçado quando ele caiu que o jacaré pegou ele. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Da parte que ele pedia desculpa aos amigos. Por que ela é muito feliz. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Quando o papagaio pediu perdão aos amigos. Por que era a mais importante. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Eu gostei quando o caju caiu na cabeça dele. Por que é engraçada. [J.L.S,11 anos]</p>
---------------------------------	--

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO: O enfrentamento do medo na ficção

LITERATURA INFANTIL	NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
<p>Chapeuzinho Amarelo</p>	<p>Não por que ela tinha medo de tudo, ela enfrentou o lobo e perdeu o medo. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Não. Ela enfrentou o lobo que era o seu medo e perdeu o medo. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Não ela enfrentou o lobo e perdeu o medo, ela era muito medrosa mais um dia ela perdeu seu maior medo. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Não ela enfrentou o medo. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Não. O lobo não era muito mau e ela foi aprendendo a perder o medo. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Não. Ela enfrentou o lobo e ela enfrentou o medo. [J.L.S,11 anos]</p>

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO: Comportamentos inadequados observados pelas crianças na ficção

LITERATURA INFANTIL	NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
<p>Quem soltou o Pum?</p>	<p>Por que ele soltava o pum. Por que ele não segurava o pum. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Soltava o pum... Por que o pum não gostava de ficar preso. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Soltar um pum é por que ele não conseguia segurar o pum. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Ele fez de errado, ele soltou o pum na festa, no jardim e etc. Por que ele não segurava o pum. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Soltar um pum por que deu vontade de soltar um pum. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Por que ele soltou o pum. Por que ele não segurava o pum. [J.L.S,11 anos]</p>
<p>Papagaio tagarela</p>	<p>Ele falava da vida da pessoa. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Falava da vida dos outros. Muitas coisas sobre os outros mangava deles. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Ele falava muito dos amigos. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Xingava os amigos. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Xingava o amigo. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Falava da vida dos outro. [J.L.S,11 anos]</p>

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO: Medo de que? O medo que as crianças sentem na vida real.

LITERATURA INFANTIL	NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
<p>Chapeuzinho Amarelo</p>	<p>Sim. Cobra por que ela é venenosa. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Sim. De cobra por que elas são venenosas e ela pica. [R.F.O, 10 anos]</p>

	<p>Tenho medo de mentir e de fazer coisa errada, de apanhar da minha mãe, medo de cobra, sapo e lobisomem. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Sim de fazer coisa errada por que é feio. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>De ladrão por que é todo o mundo eles estão roubando todos que veem. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Sim de cobra por que ela é venenosa. [J.L.S,11 anos]</p>
--	--

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO: Comportamentos adequados ensinados na vida real

LITERATURA INFANTIL	NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
Quem soltou o Pum	<p>Pais: Se comportar na hora da aula; Professores: Sim, falar na hora da sala de aula. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Pais: Não maltratar os colegas da escola; Professores: Conversar, bagunçar, maltratar os colegas. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Pais: Não chamar nome, não xingar os colegas; Professores: Não falar na hora errada e não xingar os colegas. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Pais: Não chamar palavrões; Professores: Não bagunçar, não conversar. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Pais: não; Professores: não. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Pais: Sim, brigar; Professores: Conversar, brigar, fazer a tarefa. [J.L.S,11 anos]</p>
Papagaio tagarela	<p>Por que ele não olhava para ele mesmo só olhava só para a pessoa. Deus quer o assim. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Por que ele não olhava para os defeitos dele. Por que Deus fez eles assim. Por que ele estava errado. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Por que ele não olhava para os defeitos dele. Deus criou eles assim. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Por que eles tinham qualidade. Por que Deus criou eles assim. [M.S.S, 10 anos] e [M.V.O 12 anos]</p>

Ele não olhava para os defeitos dele que ele tinha. Deus criou ele assim o que é bonito pra mim pode não ser bonito pra você. [J.L.S,11 anos]

UNIDADE DE SIGNIFICAÇÃO: O que uma história pode ensinar.

LITERATURA INFANTIL	NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
Chapeuzinho Amarelo	<p>Não pode ter medo de tudo e alguma coisa. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Aprendi que devemos ter medo de algumas coisas mas não ter medo de coisas simples. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Eu aprendi que tudo aquilo a gente não pode ter medo, só pode ter medo de Jesus e dos meus pais, tios, avós e da minha família. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Você tem que ter medo das coisas do mal e não ter medo das coisas do bem. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Não ter medo das coisas simples mais das coisas do mal. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Não ter medo das coisas simples. [J.L.S,11 anos]</p>
Quem soltou o Pum?	<p>Não soltar o pum na sala, não chamar nome feio. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Aprendi a não chamar nome em horas erradas, não soltar o pum. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Não soltar o pum na sala e não xingar o colega, não chamar nome com os professores. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Tem que soltar o pum na hora certa. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Não devemos soltar pum de frente das pessoas. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Não soltar o pum na sala, se comportar melhor. [J.L.S,11 anos]</p>

Papagaio tagarela	<p>Não rir das pessoas. [M.K.V.P.S, 11 anos]</p> <p>Não devemos xingar as pessoas. Não falar mal da vida dos outros. Não rir dos outros porque Deus fez assim. [R.F.O, 10 anos]</p> <p>Aprendi que não devemos xingar as pessoas e que não devemos apelidar os outros. [I.S.A 11 anos]</p> <p>Não se importar com a vida dos outros. [M.S.S, 10 anos]</p> <p>Não devemos xingar as pessoas. [M.V.O 12 anos]</p> <p>Que nós não podemos. Deus criou ele assim. [J.L.S,11 anos]</p>
--------------------------	---

Apêndice 2: Contação da Literatura Infantil Chapeuzinho Amarelo

Contação da Literatura Infantil Quem Soltou o Pum?



Contação da Literatura Infantil Papagaio Tagarela



Momentos de apreciação das literaturas e conclusão do projeto



Apêndice 3: Questionário da Literatura Infantil "Chapeuzinho Amarelo"

Questionário (Alunos)

Literatura Infantil: "Chapeuzinho Amarelo"

1. Escreva o resumo da história Chapeuzinho Amarelo:

Chapeuzinho Amarelo.

Era uma vez uma menina que tinha medo de tudo de sair a escuridão e elevar a escada medo de ficar sem pé e cair medo de tomar banho para não se molhar medo de Raio medo de barata medo de Bruxa medo de diabo medo de dragão medo de cobra medo de túnel O medo de papão medo de rato mais o medo de lobo lobo mais um dia ela questionou que um lobo um lobo muito eu sou um lobo mau 57 e lobo ela não tem medo de lobo mau e lobo mau

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

eu gostei de lobo que mais e gostei com a mãe porque gostei muito da que a professora falou com seu marido comido de lobo

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque foi muito divertida

4. O medo que a chapeuzinho amarelo tinha das coisas mais simples era algo normal? O que ela fez pra perder o medo?

é não porque ela tinha medo que tudo ela se tornou o lobo e perdeu o medo

5. Você tem algum medo? De que e por que?

sim de tudo
colpa porque da professora que falou

6. O que você aprendeu de importante na história "Chapeuzinho Amarelo"?

não pode ter medo de tudo senão que coisa

Questionário (Alunos)

Literatura Infantil: "Chapeuzinho Amarelo"

1. Escreva o resumo da história Chapeuzinho Amarelo:

Chapeuzinho Amarelo

Era uma vez uma menina que tinha medo de tudo de subir a escada e de ir a escola medo de picar em pé e cair medo de dormir e zombar com o lobo que era o seu maior medo o lobo morava na outra lado da montanha numa toca cheia de grama de raiz e bichos mas de tanto ela pensar nos lobo ela trocou com o lobo medo de perder o lobo era tão maravilhoso o lobo disse a chapeuzinho eu sou o lobo - mas ela nem ligou o lobo ficou irritado e disse novamente eu sou o lobo - e depois o lobo cuidou dela

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Gostei da parte que o lobo imitou em dar medo na chapeuzinho amarelo.

3. Por que você gostou dessa parte da história?

Por que o lobo fica imitando e a chapeuzinho fica rindo

4. O medo que a chapeuzinho amarelo tinha das coisas mais simples era algo normal? O que ela fez pra perder o medo?

Não. Ela enfrentou o lobo que era o seu medo e perdeu o medo

5. Você tem algum medo? De que e por que?

Sim. De cobra, porque elas são venenosas e pela picada

6. O que você aprendeu de importante na história "Chapeuzinho Amarelo"?

Aprendi que devemos ter medo de algumas coisas mas não ter medo de coisas simples.

22.04.15

Questionário (Alunos)

Literatura Infantil: "Chapeuzinho Amarelo"

1. Escreva o resumo da história Chapeuzinho Amarelo:

chapeuzinho amarelo

era uma vez uma menina que tinha muito medo medo de tudo até de cobra e principalmente do lobo e ela se chamava o chapeuzinho amarelo ela tinha medo de um lobo que morava do outro lado do mundo dentro de um monte de telha do telhado ela morava de medo de cobra e de cobra e de cobra no escuro e tinha medo de lobo principalmente.

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

gostei quando ela estava com muito medo do lobo e gostei quando a prof: entrou fazendo a salaçada

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque foi muito divertida e engraçada e porque ela estava e tinha muito de medo e também

4. O medo que a chapeuzinho amarelo tinha das coisas mais simples era algo normal? O que ela fez pra perder o medo?

não ela enfrentou o lobo e perdeu o medo ela era muito medrosa mais um dia ela perdeu seu maior medo

5. Você tem algum medo? De que e por que?

tenho medo de menti e de fazer coisa errada de apalhar da minha mãe medo de cobra, sapo, lobo e também

6. O que você aprendeu de importante na história "Chapeuzinho Amarelo"?

eu aprendi que tudo aquilo agente não pode ter medo se pode ter medo de Jesus e das meus pais, tios, avós e da minha família

Questionário (Alunos)

Literatura Infantil: "Chapeuzinho Amarelo"

1. Escreva o resumo da história Chapeuzinho Amarelo:

Chapeuzinho amarelo:

Era um dia uma menina que tinha medo de tudo ela não falava porque tinha medo de não gargava ela não ia para fora porque tinha medo de ziguez ela tinha medo de dormir e não tinha perseguido ela tinha medo de brincar com os amigos ela tem medo de ficar sozinha e mais medo dela era o lobo mal e um dia ela se pôs a andar ela aprendeu a temer medo de dar a goiada do mal e não tem medo das goiadas do bem

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Eu gostei da parte que o lobo se apaixonou
eu gostei mais mais quando o marido do professor
então

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque foi muito engraçado e legal

4. O medo que a chapeuzinho amarelo tinha das coisas mais simples era algo normal? O que ela fez pra perder o medo?

não ela enfrentou o medo

5. Você tem algum medo? De que e por que?

sim de fazer goiada errado porque é feio

6. O que você aprendeu de importante na história "Chapeuzinho Amarelo"?

eu aprendi que tem medo das goiadas do mal e não de medo das goiadas do bem

Questionário (Alunos)

Literatura Infantil: "Chapeuzinho Amarelo"

1. Escreva o resumo da história Chapeuzinho Amarelo:

Chapeuzinho Amarelo

era uma menina com Menina que a usava um chapéu amarelo ela tinha medo de bruxas, lobos, fadas, bruxas, dragões, corujas, tubarões e lulas. Mas o mais medo que ela tinha era do lobo mal porque ela aprendeu que o medo do lobo mal.

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Quando o lobo a pegou, mas

3. Por que você gostou dessa parte da história?

Porque ela era mais interessante.

4. O medo que a chapeuzinho amarelo tinha das coisas mais simples era algo normal? O que ela fez pra perder o medo?

Não? Ela não era muito mal nela foi aprendida a perder o medo.

5. Você tem algum medo? De que e por que?

De bruxas porque o lobo o mundo ele está no lado todo que her.

6. O que você aprendeu de importante na história "Chapeuzinho Amarelo"?

Não tem medo das coisas simples mais das coisas do mal.

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Quem soltou o pum?

27/04/2015

1. Faça um resumo da história "Quem soltou o pum?":

Quem soltou o pum?

Era uma vez um menino que tinha um amigo chamado pum, mas o pum era doente e muitas vezes ele sempre era para a menina, mas um dia eles foram ao parque e o menino soltou um pum, ele soltou o pum na chupa e ele ficou pedindo o menino a parte do adulto, ele soltou o pum e o pai da menina disse para todos mudarem de quem soltou o pum? e a menina para não fazer o pum, ele fez seu irmão e eu não posso prender o pum.

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Gostou da parte que a menina solta o pum e o pai da menina...

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque ele soltou e fez escaudido...

4. O que o menino fazia de errado? Por que ele fazia isso?

soltava o pum porque a pum não gostava de ficar preso.

5. Que palavra e em quais momentos na história há um duplo sentido?

O pum, ele começa até o fim da história.

6. O que você aprendeu de importante na história "Quem soltou o pum?"

aprendi a não chamar nome em casa, e não soltar o pum.

7. Seus pais ou professores reclamam de algum comportamento ou atitude inadequada sua? Quais?

Pais: Não manter as calças da escola.
Professora: Comissário, bagunça, manter as calças.

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Quem soltou o pum?

27/04/2015

1. Faça um resumo da história "Quem soltou o pum?":

O menino

era uma vez um menino que tinha um amigo que se chamava o pum e esse pum era um cachorro e o menino todas vezes o menino saltava o pum de todas as maneiras errada e os pais dele se viaja brigando porque saltava e quando ia na latrina saltava um pum e todas as vezes ia na casa dos pais do menino ele se reclamava e ele ficava triste fim

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

quando o menino saltou um pum na latrina

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque eu achei muito engraçado e divertido

4. O que o menino fazia de errado? Por que ele fazia isso?

soltava um pum e porque ele não conseguia segurar o pum

5. Que palavra e em quais momentos na história há um duplo sentido?

do começo ao fim

6. O que você aprendeu de importante na história "Quem soltou o pum?"

não soltar o pum na sala e não chingar o colega, não chamar nome com os professores

7. Seus pais ou professores reclamam de algum comportamento ou atitude inadequada sua? Quais?

Pais: não chama nome, não chingar o colega
 Professora: não falar na hora errada e não chingar os colegas

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Quem soltou o pum?

27/04/2015

1. Faça um resumo da história "Quem soltou o pum?":

Quem soltou o PUM?

Era uma vez um cachorro chamado pum que era muito
 alegre ele tinha um dono a tia do dono chamava
 Clotilde ela era muito mal ele sempre levava a culpa
 sempre estava a culpa na família não mais
 mais que solta o cachorro ele ia para churrasco
 ficava malhada e pedindo sempre com a tia
 do dono chegava soltava o pum o menino disse
 mas ninguém pode soltar o pum

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Eu gostei da parte que ele solta o pum no festa

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque é muito engraçado

4. O que o menino fazia de errado? Por que ele fazia isso?

Ele faz de errado ele solta o pum na festa no
 jardim e etc porque ele não segurava
 o pum

5. Que palavra e em quais momentos na história há um duplo sentido?

pum do começo ou fim da história

6. O que você aprendeu de importante na história "Quem soltou o pum?"

ninguém solta o pum mais solta

7. Seus pais ou professores reclamam de algum comportamento ou atitude inadequada sua? Quais?

Pais: mãe e pai reclamam

Professora: mãe ninguém não comemorar

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Quem soltou o pum?

27/04/2015

1. Faça um resumo da história "Quem soltou o pum?":

Quem soltou o pum.

Era uma vez um lio de feto meu pai sempre pede pro gato prender o pum e depois ele solta o pum e o pum é frito de educação e incomoda as conchadadas. No natal da sua passada o pum escapou e emparralhou a calça da tia estelide. Si meu pai via e foi logo perguntando na frente de todo mundo.

- Quem soltou o pum?

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Quanto ele solta o pum.

3. Por que você gostou dessa parte da história?

Por que ele era o mais igagado.

4. O que o menino fazia de errado? Por que ele fazia isso?

Soltar um pum porque tem vontade de soltar um pum.

5. Que palavra e em quais momentos na história há um duplo sentido?

Escapou e emparralhou.

6. O que você aprendeu de importante na história "Quem soltou o pum?"

Não devemos soltar pum de feto das pessoas.

7. Seus pais ou professores reclamam de algum comportamento ou atitude inadequada sua? Quais?

Pais: meuProfessora: meu

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Quem soltou o pum?

27/04/2015

1. Faça um resumo da história "Quem soltou o pum?":

Quem soltou o pum?"

Era uma vez um menino que ele
 tinha um amigo. O nome do cachorro
 chamava pum. Sempre o menino amava
 o cachorro um pum não a quem ele
 ficou tava quite tinha vontade ia
 para lá escotei o soltar. ele ia se
 um pum viria todo mundo sabe
 que um pum não podemos seguir seguir.

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

quando ele soltou o pum na festa

3. Por que você gostou dessa parte da história?

por que é engraçada

4. O que o menino fazia de errado? Por que ele fazia isso?

por que ele soltou o pum
por que ele não segurava o pum

5. Que palavra e em quais momentos na história há um duplo sentido?

pum começo ao fim da história

6. O que você aprendeu de importante na história "Quem soltou o pum?"

não solta o pum na sala
de computador melhor

7. Seus pais ou professores reclamam de algum comportamento ou atitude inadequada sua? Quais?

Pais: sum no lugar na sala

Professora: a pesa luga vaze atarava

Questionário da Literatura Infantil "Papagaio Tagarela"

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Papagaio Tagarela

05/05/2015

1. Faça um resumo da história do "Papagaio Tagarela":

Papagaio Tagarela

Era uma vez o Papagaio que ele era muito tagarela falava de tudo de tudo, mais ele não via a sua vida, mais um dia um seu amigo deu o a dica papagaio não fale a vida das pessoas, mais ele não e quis ele falou da Caunap um dia ele e tomou um pe de caju e um caju caiu na cabeça dele e ele caiu na terra de facare e a corup e ficou e ele ficou com dor na memória. fim

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Eu gostei da parte que corup e ficou e ficou

3. Por que você gostou dessa parte da história?

por que ele foi gesto legal.

4. O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso?

Ele falava de tudo da pessoa.
Por que ele não embora para ele mesmo se embora se para a pessoa.

5. O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por que?

por que ele fazia o errado.
Deus que o abrimo

6. Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes?

com dor na consciência.
sim. quando se precisou de ajuda.

7. O que você aprendeu de importante na história "Papagaio Tagarela"?

não ir das pessoas.
não falar mais das pessoas.
não ir de defeito das pessoas.

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Papagaio Tagarela

05/05/2015

1. Faça um resumo da história do "Papagaio Tagarela":

Papagaio Tagarela

1. Era uma vez um Papagaio que falava
muito e ria a coruja e dizia que da
era cheia de depositos, que a coruja tem
bolsas grandes, perna pequena, bico tanto ele
e a mesma coisa com a tarasura e
diz que ela tem bico grande e pernas
e alongadas e um dia um capim maduro
e foi parte no jardim ele saiu dentro da casa e deu
e gagueou a boca a coruja com seu bico
e arrotou se gagueou a tarasura com seus dentes

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

gostei da parte que as pombas que falaram da
vida, e sacudiram o papagaio e

3. Por que você gostou dessa parte da história?

Porque ele, o papagaio aprendeu uma
boa lição.

4. O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso?

Falava da vida dos outros. Muitas coisas
sobre os outros mangava deles.
Por que ele não olhava para os depositos dele.

5. O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por que?

Diziam que ele estava falando coisas
erradas, porque Deus pagava eles assim...
Porque ele estava errado.

6. Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes?

Com dor da consciência.
Sim, quando ele precisou de ajuda.

7. O que você aprendeu de importante na história "Papagaio Tagarela"

Não devemos chingar os outros.
Não falar mal da vida dos outros.
Não rir dos outros. Por que eles pagariam

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Papagaio Tagarela

05/05/2015

1. Faça um resumo da história do "Papagaio Tagarela":

glinda
O papagaio tagarela
 Era uma vez um papagaio que falava muito bonito. Um dia ele estava com um amigo na casa dele e ele acabou falando com os amigos que ele tinha muitos amigos. Então ele da boca do fofinho

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

eu gostei quando o papagaio era dentro do rio e quando a coruja chamou o papagaio.

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque foi muito engraçado quando ele caiu que o fofinho pegou ele.

4. O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso?

ele falava muito com os amigos. porque ele não falava para os defeitos dele que ele tinha.

5. O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por que?

alhe mas sua deus. trua ele o assim.

6. Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes?

O papagaio ficou como canção na aldeia e depois foi pedir perdão a Deus. *a Deus sum*

7. O que você aprendeu de importante na história "Papagaio Tagarela"

aprendi que não devemos elogiar os outros e que não devemos apertar os outros.

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Papagaio Tagarela

05/05/2015

1. Faça um resumo da história do "Papagaio Tagarela":

"Papagaio Tagarela":

Era uma vez um papagaio tagarela que chingava os amigos mas os amigos não ligava. Era uma vez que o papagaio estava no pé de sapu e ele estava gal da pé de pal e um capu xica do pé de pal e bateu na cabeça dele e caiu no mar e de Barriga para cima e ele caiu mesmo em cima do jacaré e os amigos dele xigam e mal para ele e coruja empantou o jacaré com o seu grito e a coruja com suas pernas longas pegou ele.

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

da parte que ele pediu desculpa aos amigos

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque ela é muito feliz

4. O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso?

chingava os amigos porque eles tinham qualidade

5. O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por que?

Não fia porque Deus criou eles a sua

6. Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes?

ficou muito mau.

Sim

7. O que você aprendeu de importante na história "Papagaio Tagarela"

não vim para quem se alida das nota

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Papagaio Tagarela

05/05/2015

1. Faça um resumo da história do "Papagaio Tagarela":

Papagaio Tagarela

Era uma vez um papagaio muito tagarela que chigava e chigava mais os colegas não ligam. Ele falava muito mal do corpo que ele tinha. Ele se tratava muito grande, as penas e da saracura que era um bicho muito capido. A pena desconsada mais uma coisa caiu na cabeça e eles ficaram. Tinha a coisa de berrica para cima e tinha um papagaio e pensam para comer mais o corpo e patud o jacaré com den bicho e o saracura bicho. O papagaio das boca do jacaré estava feliz para sepe.

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Quando o papagaio perdeu o pedão com amigos

3. Por que você gostou dessa parte da história?

porque era a mais importante.

4. O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso?

chigava o amigo porque eles tinham qualidade.

5. O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por que?

Não me porque eles foram cuidado assim.

6. Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes?

Muito mau

sim quando ele pensou de ajudar.

7. O que você aprendeu de importante na história "Papagaio Tagarela"

Não devemos chigar as pessoas.

Questionário (alunos)

Literatura Infantil: Papagaio Tagarela

05/05/2015

1. Faça um resumo da história do "Papagaio Tagarela":

"Papagaio Tagarela"

Era uma vez um papagaio que ele tagarelava muito. Ele se recusava a falar o de mau. Na rede do ~~estudo~~ um dia ele da no ar e o ~~de~~ derrubete um café caiu na cabeça dele e ele caiu no chão e ele se levantou para cima na boca do ~~café~~ até a ~~coisa~~ com seu ~~plato~~ ~~trabalhando~~ intão si ~~procura~~ ~~três~~ ele na ~~lugar~~ ~~tagarela~~ e ele ~~vai~~ com ~~to~~ na ~~cozinha~~ ~~de~~ ~~ter~~ ~~lado~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~das~~ ~~peças~~

2. Cite a parte da história que você mais gostou?

Eu gostei quando o café caiu na cabeça dele.

3. Por que você gostou dessa parte da história?

por que é engraçada

4. O que o papagaio fazia de errado? Por que ele fazia isso?

falava da vida dos outros. ele não se dava para os ~~de~~ ~~dele~~ ~~que~~ ~~ele~~ ~~tem~~ ~~tra~~

5. O que os seus amigos falavam para o papagaio quando ele falava dos outros? Por que?

olhe não fale da vida dos outros. Deus criou ele assim o que é bonito pra você.

6. Como ficou o papagaio depois do que aconteceu com ele? Ele se arrependeu de fazer tais atitudes?

concordar na ~~concordar~~. Sim quanto ele precisou de ajuda.

7. O que você aprendeu de importante na história "Papagaio Tagarela"

que nós não podemos falar sobre os outros assim

Questionário – Mãe de aluno

Questionário (Mãe do aluno)

➤ Mudanças de comportamento ou atitude, durante intervenção do projeto com Literaturas Infantis no cotidiano familiar.

1. Durante a semana, seu filho comentou algo sobre as histórias contadas em sala de aula? O que ele relatou?

Sim muitos todos vezes que tenho histórias ela chega em casa. Ela conta que em uma história falava de uma menina que tinha medo de tudo, falava de histórias chamado Bum e de um papagaio que falava da vida dos outros. Ela falou que mas já tem medo do Sabo disse o Kau após ele não podia Seta Bum perto dela só no Banheiro.

2. Você notou algum comportamento ou mudança de atitude durante essas três semanas? Cite-as, e em qual momento ele demonstrou tais atitudes?

Ela chega durante a semana falando da professora que estava com maribó contando na sala de aula. Ela gosta muito de ler a história. A um quela em casa, ela com tudo chegou em dia. Ela conta mais coisa do que a aconteceu na escola, ela sempre entra se a história dela.

3. Pra você qual foi a história que seu filho mais gostou? Por quê?

A foicezinho amarelo pro que ela aprendeu a perder o medo de tudo. E porque ela viu o lobo, em forma de Bola e as munição. E durante toda a apresentação.

Questionário semiestruturado (Mãe do aluno)

➤ Mudanças de comportamento ou atitude, durante intervenção do projeto com Literaturas Infantis no cotidiano familiar.

1. Durante a semana, seu filho comentou algo sobre as histórias contadas em sala de aula? O que ele relatou?

Sim. Ele relatou muitas coisas que ele ouviu e viu na sala de aula, por exemplo que a professora fez a mesma coisa que a menina da história fez. e também falou da PUM que era um nome de um cachorro, tinha duas qualidades de PUM, a PUM que é gata e a PUM que é o cachorro.

2. Você notou algum comportamento ou mudança de atitude durante essas três semanas? Cite-as, e em qual momento ele demonstrou tais atitudes?

Sim, por exemplo toda semana quando ele chegava da escola ele contava a que tinha acontecido na sala de aula e que a professora fez, chegava também mais alegre. toda vez quando ele chegava foi era falando das histórias que a professora contou.

3. Pra você qual foi a história que seu filho mais gostou? Por quê?

A que ele gostou foi papagaio fogueira por que ele falou que agente não pode falar das calquinhas por que tudo o que agente fala dos amigos volta pra gente. e também ele falou a que mais falou das calquinhas foi a que mais precisou dele.

Apêndice 4: Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa intitula-se Estudo de caso com Literaturas Infantis desenvolvidas na Escola “Jaldete Guedes Pereira” em Borborema - PB e está sendo desenvolvida pela pesquisadora Graduanda Karla Patrícia Souto de Andrade sob orientação da Prof.^ª Rita Cristiana Barbosa DE/CCHSA/UFPB do Curso de Licenciatura em Pedagogia Campus III – Bananeiras/PB da Universidade Federal da Paraíba

O objetivo da pesquisa é analisar as contribuições da literatura infantil na formação da criança baseado na realidade da comunidade escolar, em uma turma de 5º ano. Mais especificamente, pretende-se:

- ✓ Identificar que compreensões são construídas pelas crianças a partir do trabalho pedagógico com a literatura infantil;
- ✓ Observar as relações estabelecidas pelas crianças entre os contos e a realidade;
- ✓ Verificar índice e indícios de influências dos contos no comportamento e atividades dentro e fora do cotidiano escolar.

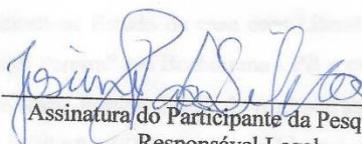
Assim, a finalidade desta pesquisa é contribuir para a investigação através de relatos orais e escritos, como e de que forma a literatura infantil influencia para a formação de identidade da criança e a construção do conjunto de princípios e valores que norteiam comportamentos e atitudes.

Sua autorização para a participação da criança na pesquisa é voluntária e, portanto, você, mãe ou responsável pela criança não é obrigada a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não autorizar o estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhuma restrição ou danos. A pesquisadora responsável estará à disposição para esclarecimentos de quaisquer dúvidas durante todo o processo da pesquisa.

Termo da aluna M.V.P.S

Solicitamos sua permissão para a realização de registros gravados e escritos, em que a identidade da criança será resguardada, de maneira fidedigna, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Responsável Legal

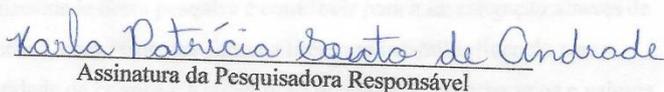
Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Patrícia Souto de Andrade – Rua Floriano Peixoto, 37 – Bananeiras /PB – CEP: 58220-000

Telefone para contato: (83) 9970-3465

E-mail: karlabans@hotmail.com

Atenciosamente,



Assinatura da Pesquisadora Responsável

Termo da aluna R.F.O

Solicitamos sua permissão para a realização de registros gravados e escritos, em que a identidade da criança será resguardada, de maneira fidedigna, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Maria Sônia Galipe

Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Responsável Legal

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Patrícia Souto de Andrade – Rua Floriano Peixoto, 37 – Bananeiras /PB – CEP: 58220-000

Telefone para contato: (83) 9970-3465

E-mail: karlabans@hotmail.com

Atenciosamente,

Karla Patrícia Souto de Andrade

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Termo da aluna I.S.A

Solicitamos sua permissão para a realização de registros gravados e escritos, em que a identidade da criança será resguardada, de maneira fidedigna, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Maria Jaelma de Sales Andrade
Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Responsável Legal

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Patrícia Souto de Andrade – Rua Floriano Peixoto, 37 – Bananeiras /PB – CEP: 58220-000

Telefone para contato: (83) 9970-3465

E-mail: karlabans@hotmail.com

Atenciosamente,

Karla Patrícia Souto de Andrade
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Termo do aluno M.S.S

Solicitamos sua permissão para a realização de registros gravados e escritos, em que a identidade da criança será resguardada, de maneira fidedigna, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Gilvânia dos Santos Coelho
Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Responsável Legal

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Patrícia Souto de Andrade – Rua Floriano Peixoto, 37 – Bananeiras /PB – CEP: 58220-000

Telefone para contato: (83) 9970-3465

E-mail: karlabans@hotmail.com

Atenciosamente,

Karla Patrícia Souto de Andrade
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Termo do aluno M.V.T.O

Solicitamos sua permissão para a realização de registros gravados e escritos, em que a identidade da criança será resguardada, de maneira fidedigna, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Maia das Neves Soares de Oliveira
Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Responsável Legal

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Patrícia Souto de Andrade – Rua Floriano Peixoto, 37 – Bananeiras /PB – CEP: 58220-000

Telefone para contato: (83) 9970-3465

E-mail: karlabans@hotmail.com

Atenciosamente,

Karla Patrícia Souto de Andrade
Assinatura da Pesquisadora Responsável

Termo do aluno J.L.S

Solicitamos sua permissão para a realização de registros gravados e escritos, em que a identidade da criança será resguardada, de maneira fidedigna, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo no Trabalho de Conclusão de Curso.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Severina da Silva Santos
Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Responsável Legal

Contato da Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Karla Patrícia Souto de Andrade – Rua Floriano Peixoto, 37 – Bananeiras /PB – CEP: 58220-000

Telefone para contato: (83) 9970-3465

E-mail: karlabans@hotmail.com

Atenciosamente,

Karla Patrícia Souto de Andrade
Assinatura da Pesquisadora Responsável